

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELA KRIEGER DE MELLO BASTIAN

**A IMPORTÂNCIA DA ECO PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DO
SUJEITO ECOLÓGICO EM IDADE ESCOLAR E A CONTRIBUIÇÃO DA
PERMACULTURA PARA ESSA FORMAÇÃO**

Porto Alegre
2014

DANIELA KRIEGER DE MELLO BASTIAN

**A IMPORTÂNCIA DA ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DO
SUJEITO ECOLÓGICO EM IDADE ESCOLAR E A CONTRIBUIÇÃO DA
PERMACULTURA PARA ESSA FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia-Educação Infantil e Anos Iniciais da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dra. Sônia Maria de Souza Bonelli

Porto Alegre
2014

DANIELA KRIEGER DE MELLO BASTIAN

**A IMPORTÂNCIA DA ECOPEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DO
SUJEITO ECOLÓGICO EM IDADE ESCOLAR E A CONTRIBUIÇÃO DA
PERMACULTURA PARA ESSA FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia-Educação Infantil e Anos Iniciais da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ___ de _____ de 2014

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sônia Maria de Souza Bonelli – PUCRS

Profa. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho - PUCRS

Porto Alegre
2014

Dedico esse trabalho acadêmico primeiramente à Mae Terra, por ter me ensinado na prática, a relação de harmonia entre os seres vivos e seu ambiente. Dedico essa pesquisa às crianças, que são o futuro da humanidade. Dedico o presente trabalho a todas as educAmoras e aos educAmores que acreditam na educação e dela fazem sua arma para a mudança socioambiental. Dedico à temática da Ecopedagogia, a Formação do Sujeito Ecológico e a Permacultura à vida, que pulsa em cada eu&eu habitante desta linda casa chamada Planeta Terra.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente venho a agradecer ao Deus Pai Todo Poderoso, criaAmor do céu e da Terra, por provar a Sua existência por meio da minha Fé.

Agradeço o pulsar da vida.

Agradeço do fundo da minha alma, à minha família, por tudo que fizeram e fazem por mim diariamente. Dou graças infinitas pela existência viva de minha Mãe, meu Pai, minha irmã Feu, meu irmão Gui e meu avô Jorge, que sempre estiveram do meu lado em cada escolha, em cada caminho de minha vida.

Um agradecimento especial às irmãs e irmãos que Deus colocou no meu caminho para que dele eu pudesse extrair as mais belas vivências, aprender e evoluir.

Agradeço aos permacultores de minha vida, cujos aprendizados e as trocas são sempre abundantes, beneficentes e cíclicas.

Dou graças contínuas pela paciência, incentivo e fé de minha orientadora Sônia Bonelli, que mesmo nos momentos mais difíceis, não me deixou cair.

Dou graças pela vida de cada eu&eu, de cada ser vivo do qual compartilho a vida nesta bela casa Terra.

Nós somos a Terra, os povos, as plantas e animais, gotas e oceanos, a respiração da floresta e o fluxo do mar.

Nós honramos a Terra, como o lar de todos os seres vivos.

Nós estimamos a Terra, pela sua beleza e diversidade de vida.

Nós louvamos a Terra, pela sua capacidade de regeneração, sendo a base de toda a vida.

Nós reconhecemos a especial posição dos povos indígenas da Terra, seus territórios e seus costumes, e sua singular afinidade com a Terra.

Nós reconhecemos que o sofrimento humano, pobreza e degradação da Terra são causados pela desigualdade do poder.

Nós aderimos a uma responsabilidade compartilhada de proteger e restaurar a Terra para permitir o uso sábio e equitativo dos recursos naturais, assim como realizar o equilíbrio ecológico e novos valores sociais, econômicos e espirituais.

Em nossa inteira diversidade somos unidade.

RESUMO

A possibilidade de escrever um Trabalho de Conclusão de Curso que aliasse o meu serviço EcoPermaEducativo junto à minha formação docente dita, tradicional, originou a pesquisa acerca da “Importância da Ecopedagogia na formação do sujeito ecológico em idade escolar e a contribuição da Permacultura para essa formação”, no qual foi preciso compreender a conjuntura socioambiental e educacional vigente, bem como descrever que Ecopedagogia é essa que sugere o título da pesquisa, apresentando a Permacultura como prática viável e possível de ser executada por cada indivíduo planetário, em sua cotidianidade, assim, como ilustramos a referida pesquisa com alguns exemplos de práticas EcoPermaPedagógicas na formação do sujeito ecológico. Pretende-se com ela, que o leitor possa, além de compreender a urgência nas mudanças que aqui são relatadas e sugeridas, que se sensibilize com a questão planetária, que antes de tudo é uma questão de sobrevivência da espécie humana. Foi utilizada a técnica de levantamento bibliográfico, que se deu por meio da pesquisa exploratório-descritiva, ainda que a temática possua considerável relevância, e seja tema de pesquisa pessoal e profissional, da acadêmica em formação, constatou-se que o tema é pouco explorado. Os resultados obtidos demonstram a relevância da presente pesquisa na formação do sujeito ecológico através da Ecopedagogia aliada à Permacultura, bem como sua total possibilidade de execução em nossas cotidianidades. As inquietações acerca do que podemos fazer para construirmos um mundo mais harmônico e equilibrado, justo e sustentável, foram os primeiros passos para a produção desta pesquisa, depois as perguntas para refletir acerca das inquietações, passando pelos estudos científicos que direcionaram as ações para responder àquelas primeiras inquietações. E mesmo chegando aos resultados esperados, as perguntas não cessam, pelo contrário, a presente pesquisa abre portas e janelas para novas atuações profissionais, para novas formas do fazer docente, para outras possibilidades de desenvolvimento do ser em idade escolar.

Palavras-chave: Conjuntura socioambiental e educacional. Ecopedagogia. Permacultura. Sujeito Ecológico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A CONJUNTURA SOCIOAMBIENTAL E EDUCACIONAL	14
3 ECOPEDAGOGIA.....	21
4 PERMACULTURANDO NA EDUCAÇÃO	32
5 PRÁTICAS ECO-PERMA-PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO	43
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
7 CONCLUSÕES	51
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXO A - Desenho de um ambiente permacultural.....	56
ANEXO B - Flor da Permacultura com as três éticas no centro, os sete campos em pétalas e os doze princípios ilustrados em seus símbolos	57
ANEXO C - Realizando minhocagem com os educandos da educação infantil, mostrando-lhes a minhoca para que tenham a vivência com o animal transformador dos resíduos.....	58
ANEXO D - Imagem retirada do livro de Legan (2007)	59
ANEXO E - Horta mandala e Espiral de Ervas e Temperos	60
ANEXO F - Modelo de Minhocagem / Compostagem de resíduos orgânicos.....	61
ANEXO G - Forno solar de cozimento	62

1 INTRODUÇÃO

Por acreditar que vivemos numa comunidade, numa comum unidade planetária, vejo a urgente necessidade de mudarmos as formas como nos relacionamos e agimos, seja na relação de indivíduo para indivíduo ou deste para com o seu meio ambiente, animais, vegetais e minerais.

Senti esse chamado de acreditar num mundo de relações harmônicas quando, na minha busca espiritual, estava nos anos finais da minha primeira formação acadêmica, que foi em 2004, na faculdade de Relações Públicas, Comunicação Social, da PUCRS. Sentia que as relações entre humanos e não-humanos estava um pouco truncada, pendendo sempre pro lado material, do egoísmo, da ganância, da soberba, do individualismo e do poder do mais forte. Fato esse que me incomodava, pois estava quase a me formar e a encontrar tantos desequilíbrios no mercado de trabalho.

Foi então, que guiada por Deus, Jah Rastafarl, tive meus primeiros contatos com a Permacultura, cujos detalhes desta, aqui chamada de filosofia de vida, encontramos no 4º capítulo. Conhecer essa filosofia de vida naquele momento em 2004 me acalmou o coração no sentido de descobrir possíveis soluções para os problemas de relacionamento que eu estava encontrando na cotidianidade de minha vida, e que muitas vezes me afetavam, não pelo fato de eu estar diretamente envolvida, mas, por eu observar tal desequilíbrio e isso de certa forma mexer comigo.

Comecei então meus trabalhos dentro da Permacultura, realizando cursos, morando em Institutos de Permacultura, conhecendo de perto como era viver a Permacultura e toda a sua ética e a suas formas de atuação. E neste conhecer, trabalhar e servir, terminei por me formar em 2007 na faculdade mencionada acima, e passados dias e mais dias, me encontrei realizando cursos de formação em Permacultura para crianças, numa escola em Bragança Paulista/SP. Quando me dei conta, estava eu, construindo planejamentos educacionais com as práticas da Permacultura para a formação de cidadãos ecológicos, planetários, amigos do meio ambiente e do planeta Terra.

Me vi educando, e nesta visão, vi então o educAmor, palavra que saiu de minha boca quando senti o real significado da prática que eu estava exercendo ali, junto àquela comunidade escolar, educandos, pais, corpo docente e funcionários.

Percebi que a mudança que eu estava buscando lá em 2004 junto aos colegas da área da comunicação era muito maior do que eu estava imaginando, e nisto já haviam se passado pelo menos 3 anos. Quando em 2008, pensando em construir a minha própria escola de Educação Permacultural, retornei à Universidade, ao curso de Pedagogia, iniciado lá nos anos 2000, cuja diferença que eu sentia que precisava fazer na prática docente, ainda não tinha se manifestado. Sim, o chamado da Educação vem de longa data... Eu apenas não sabia que seria um chamado para a causa sócio-ambiental-espiritual planetária, que hoje eu sei, sinto e atuo, onde quer que eu esteja.

Mudanças? Sim, muitas e de diversas formas foram pouco a pouco se apresentando a minha pessoa, e eu buscando compreendê-las e aplicá-las a minha vida cotidiana. E comecei a perceber que essas mudanças poderiam salvar a vida das pessoas, oferecendo-lhes mais sentido para o “estar aqui”, mais amor, mais vida saudável, mais equilíbrio, mais harmonia, mais abundância.

Considerando que o presente Trabalho de Conclusão de Curso é condição *sine qua non* para a formação universitária em Pedagogia, a ideia é que essa semente seja germinada por todos que dela se nutrirem, a fim de que se possam ampliar as possibilidades de atuação profissional para a causa socioambiental e humana. Para tanto, temos como objetivo da presente pesquisa:

- Contextualizar o atual momento socioambiental e educacional do local onde vivo;
- Identificar o que é a Ecopedagogia e como pode ser aplicada num ambiente escolar;
- Apresentar a Permacultura, sua base teórica e filosófica, suas práticas e ferramentas relevantes à formação do sujeito ecológico;
- Identificar práticas EcoPermaPedagógicas na formação do sujeito ecológico.

Por isso, coloco como ponto de partida, a educação, chave que abre todas as portas. Que proporciona mudanças, que faz refletir, que oportuniza trocas de olhares, trocas de energia, trocas! A mudança no tipo de relação acontece por meio do educar, este que está implicitamente ligado através do como a educação é entendida e executada, sentida e efetivada, educação essa, que acontece na escola e na vida cotidiana junto aos núcleos familiares e seu entorno.

Entendemos a escola como lugar de referência acerca da formação do ser humano, da educação comum do indivíduo social, o local ideal para que ocorram as

reflexões acerca dos processos de desenvolvimento e formação, o que se vive hoje e como se vive hoje. Desta forma, crê-se numa Pedagogia que prima no seu método educacional, pelas relações de harmonia entre os habitantes do planeta e o Planeta, numa Pedagogia cujas práticas estejam voltadas para a sustentabilidade das relações, para a formação do sujeito ecológico, que sente fazer parte do planeta. Cunhada por Francisco Gutiérrez no início dos anos 90, esta pedagogia ecológica é chamada de Ecopedagogia.

Por que pensar em uma Pedagogia cuja intenção seja a formação de um sujeito ecológico? Porque se vê a urgente necessidade de uma mudança de comportamento tanto social/coletivo como individual acerca do ambiente/casa no qual estamos inseridos. Sim, nossa grande casa coletiva chama-se Planeta Terra, e como tal, nos oferta todas as nossas necessidades materiais, sejam elas alimentares, estruturais, de confortabilidade e/ou proteção. Pois, como afirma Alves (2006, p. 127) “porque a Terra é a nossa grande casa, a casa das nossas casas”.

E habitando, cada indivíduo em uma parte desta grande casa, precisamos dar-nos conta de que essa morada precisa de colaboradores/cuidadores para que ela se mantenha habitável. E o que percebemos ultimamente é que os indivíduos que nela habitam, perderam a referência de que o Planeta onde nos encontramos, é essa casa, coletiva, e que cada um de nós é responsável pela salubridade dela. Mas como?

Há que se fazer uma grande mudança. É preciso mudar o paradigma social de usufruto dos bens disponíveis que essa grande casa nos oportuniza, para um paradigma de preservação e uso com responsabilidade desses recursos, que aparece na presente pesquisa através da Permacultura, no qual, interligada à educação indica o uso de práticas ecológicas que levam em consideração a utilização dos recursos renováveis e o tempo adequado para a renovação dos mesmos, para um viver mais saudável, equilibrado, harmônico e sustentável neste Planeta.

Mas como mudar se estamos tão acomodados com os confortos e com as desigualdades econômico-sociais cotidianas? A resposta pronta ainda não existe e nem se pretende nessa pesquisa aprontá-la. Pretende-se que possamos refletir sobre o atual contexto socioambiental do local onde vivo; que se conheça a Ecopedagogia, área educacional que aliada à Permacultura, oportuniza o exercício

de se constituir e ser, diariamente, cidadão ecológico, planetário, sujeitos ambientais.

Relacionar-se-á o ambiente escolar norteado por valores ecológicos, de harmonia e bem estar, conscientização ambiental e ética pessoal, cujos métodos de educação no qual estão permeados esses valores, visam acima de tudo, que o indivíduo, criança, jovem ou adulto, seja capaz de: sentir que faz parte de uma conexão inter-relacionada no ambiente coletivo Planeta Terra; tomar decisões e se responsabilizar por elas; de desenvolver a autoconfiança e de praticar a sua autonomia; e estar plenamente feliz e realizado naquilo que está fazendo, no trabalho que está exercendo, no local em que está vivendo e nas suas relações com o seu mundo ambiente. Esse ambiente escolar, diz respeito à implícita relação entre o mundo e o ambiente diante de indivíduos organizados numa sociedade/comunidade inseridos em determinado local.

A Ecopedagogia, enquanto teoria pedagógica possui uma base educacional direcionadora de valores de uma consciência ecológica e, portanto, de atitudes de um sujeito ecológico que se constrói e se forma durante sua frequência nos ambientes escolares. Correlacionando a Ecopedagogia com a Permacultura, as práticas permaculturais surgem como ferramentas de ação, de conscientização, de experimentação, de reflexão, de fazer diferente. Há a possibilidade de fomentar-se a formação de um cidadão ecológico e ativo, se este sentir que faz parte de uma comunidade, comum unidade planetária, de um todo maior que o seu bairro, seu país, seu continente, visto que compreende as redes de relações a que estamos todos interligados.

Neste sentido, o presente trabalho acadêmico busca apresentar na Introdução, as relações que se estabelecem entre Ecopedagogia, Permacultura, Sujeito ecológico e os exemplos de Práticas EcoPermaPedagógicas para a mudança que se acredita ser necessária e urgente para a sobrevivência no e do Planeta Terra.

Nisto, vamos encontrar no 2º capítulo, a sintetização da conjuntura socioambiental e educacional, e como podemos proceder diante da atual situação planetária, bem como, que mudanças são necessárias para a construção de outro contexto social/sociedade. Capítulo fundamentado por autores como Mattos et. al. (2011), Berna (2008), Bindé (2010), Gutiérrez (1999), Minc (1997), Freire (1996).

Apresentar-se-á no 3º capítulo a Ecopedagogia enquanto base educacional para a apresentação de valores éticos com relação ao ambiente no qual se vive, na proposição de um currículo que oportunize que crianças, adolescentes, jovens e adultos possam compreender o mundo em que vivem, por meio de experiências práticas dos conteúdos curriculares através do contato com a natureza como uma alternativa pedagógica para orientar a formação do sujeito ecológico. Os autores escolhidos para a referida construção teórica são aqueles considerados pela autora, *experts* no assunto, são eles: Lanz (1998), Gutiérrez (1999), Gutiérrez (2013), Gadotti (2010), Gadotti (2000), Scotto; Carvalho; Guimarães (2009), Lutzenberger (1980) e Capra (2006).

Há que se identificar e conhecer a origem das diversas práticas vivenciais que oportunizam a inter-relação de conteúdos com a realidade pessoal de cada educando/educador, neste caso, a Permacultura enquanto prática ecológica. O que ela oferece ao cidadão, educando/educador, para que este se transforme e se forme em agente ativo da ecologia e cidadão planetário será apresentado no 4º capítulo, cujos autores são por suas escolhas profissionais, Permacultores e Ambientalistas em ação. Mars (2008), Holmgren e Mollison (1983), Holmgren (2007), Caldart (2011), Legan (2007) e Carvalho (2008), são os escritores escolhidos para a abordagem da temática permacultural e ambiental.

O 5º capítulo irá apresentar práticas EcoPermaPedagógicas para descrever então, quem é esse sujeito ecológico, eco consciente de suas ações e atuante perante seu meio ambiente, como ele se forma e como age diante de sua realidade social. Consultamos para tanto, Carvalho (2008), Mars (2008), Legan (2007), Freire (1996), Alves (2006), Lanz (1998) e Cornell (2008). Para dialogar, exemplificando como são construídas as atitudes do sujeito ecológico, mostraremos ainda no referente capítulo, algumas práticas pedagógicas educacionais de valores ecológicos que as escolas podem oportunizar e fomentar nas articulações curriculares com a vida cotidiana e o meio ambiente.

O 6º capítulo destina-se a abordagem da metodologia utilizada para a realização da presente pesquisa, que é bibliográfica e experiencial, por Lakatos e Marconi (2001) e Gil (2002).

Encerramos com as considerações finais e os apontamentos acerca das conclusões que a referida pesquisa encontrou acerca da Ecopedagogia na formação do sujeito ecológico e como a Permacultura contribui para esta formação.

2 A CONJUNTURA SOCIOAMBIENTAL E EDUCACIONAL

Será que já paramos para pensar em que sociedade vivemos? Que tipo de relações instigamos entre uns e outros? Que tipo de sistema social e educacional aceitamos e reproduzimos? Que tipo de vida queremos para nós mesmos e nossos entes queridos? O que estamos fazendo enquanto cidadãos planetários? Sentimo-nos cidadãos planetários? Quais são nossos valores e atitudes? Que ética nos move diariamente?

Na sociedade humana, diferente dos demais seres vivos, a sobrevivência não é garantida espontânea e naturalmente. Pode-se dizer que ela pressupõe muitas lutas, tanto no que diz respeito àquelas travadas com a própria natureza, para domínio e satisfação das necessidades físicas e biológicas, como àquelas levadas a cabo pelos homens entre si, mediadas pela etapa de desenvolvimento da sociedade, o que significa dizer que, em cada momento e lugar, são travadas diferentes lutas. De qualquer modo, a sobrevivência humana está longe de ser resultado de relações sociais harmoniosas, fraternas e pacíficas. [...], em decorrência das lutas travadas com a natureza e pelos homens entre si, não apenas fomos adquirindo experiências e conhecimentos, como desenvolvemos instrumentos e meios cada vez mais aperfeiçoados para garantir condições de vida “melhores”. [...] Nesse processo, quer seja a educação em sentido amplo quer seja a educação escolar, foi ganhando maior importância, pois delas resultam formas de comportamento, aprendizagem e relações, que tanto podem contribuir com a manutenção do *status quo* como com sua superação. [...] A escola é apenas mais um meio de se educar os indivíduos para viverem na sociedade, ainda que, a partir da modernidade e, principalmente, na atualidade, ela tenha assumido uma importância significativa. Por isso, qualquer que seja a modalidade, não podemos pensar a educação de forma abstrata, uma vez que ela é produto das relações sociais. (MATTOS et. al., 2011, p. 7 e 8)

É muito comum hoje em dia, a veiculação na mídia de diversas reportagens que mostram assuntos como desmatamento, extinção das espécies vegetais e animais, poluição do ar e das águas, fome, violência, incontáveis tipos de doenças, as lutas por melhores salários e condições de trabalho da classe trabalhadora, bem como também vemos e ouvimos falar dos investimentos que nossa presidente tem feito para tornar o Brasil um país em desenvolvimento, a entrada permitida, pelo governo, de empresas estrangeiras que querem “investir” e usufruir dos bens naturais que o território brasileiro produz com tamanha abundância.

Sabemos também que estão cada vez mais presentes, políticas públicas de reciclagem dos resíduos sólidos, iniciativas de educação ambiental, projetos de sustentabilidade, grupos/coletivos que atuam ecologicamente, entre outras iniciativas que buscam oportunizar a conscientização ecológica.

Esta é a realidade que nossa sociedade planetária¹ está vivendo, nós, animais, vegetais e minerais, inseridos e sobrevivendo numa sociedade desarmonizada, em desequilíbrio tanto com o meio da qual faz parte quanto consigo mesma. Berna (2008, p. 67), afirma que

Os padrões de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento [...].

Destacamos a importância de sabermos e conhecermos as diversas situações na qual está passando a vida no Planeta Terra, tanto humana como não humana, no sentido de que, reconhecendo as constantes transformações nos é possível pensar e refletir, pesquisar e analisar diferentes formas de intervenção ou de readaptação local dos seres vivos, uma vez que esses estão diretamente interligados, são influenciados e precisam se ajustar às condições de sua sobrevivência no planeta. É preciso apresentar possíveis mudanças de atitude para que se vejam os reais potenciais de transformação, viáveis e eficientes. E nisto, “são necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida”, destaca Berna (2008, p. 67), e nesse sentido, a nossa conscientização ecológica e planetária através da ressignificação da educação e do sentimento de pertença a Terra, visto que nossa atuação é local, naquele ambiente social no qual vivemos nossa cotidianidade.

O que acontece é que, enquanto estivermos alimentando um sistema, que é aquele que tem por objetivo: educar para a competitividade, gerar lucro para poucos, que visa manter o poder na mão de poucos administradores (as famílias mais ricas do mundo), que necessita de uma sociedade desigual, que promove o consumo inconsequente e o descarte de bens de consumo, que incita relações de competição de poder, de repressão, de escravidão invisível, que enxerga o meio ambiente, a natureza como produtora de matéria-prima para os bens de consumo, estamos, como diz um ditado popular, “cavando a própria cova”. Pois, no momento em que esquecemos que é devido à natureza e seu ciclo regenerativo que ainda estamos vivos, que temos ainda disponível ar, água e alimentos, ainda que para poucos, que são as nossas necessidades básicas, estaremos fortalecendo cada vez mais a

¹ Sociedade planetária é o sentimento de se sentir parte, povo da Terra.

desarmonia e o desequilíbrio planetário, que resultará no fim da espécie humana. Conforme Bindé (2010, p. 8),

está claro que esses diferentes fenômenos representam séria ameaça ao desenvolvimento sustentável das sociedades e das economias e, assim, ao próprio futuro da espécie humana, à biosfera e ao planeta.

O fato é que a natureza sem o homem se regenera, se estabelece, flui e se auto-gestiona, agora, o homem sem a natureza não sobrevive por uma única questão, o ar que circula por nossas veias é produto da fotossíntese das plantas, do reino vegetal, aquele que se autorregula natural e ciclicamente.

Há que se mudar então, modos de vida, ambientes de aprendizagem, relações entre os indivíduos e o meio ambiente, e isso é inevitável, se quisermos manter a espécie humana saudavelmente neste planeta. Mas ressalto, é uma mudança de atitude do eu no local onde vivo. Porque de nada nos adiantará perpetuar a espécie, se a água de rios e mares estiver poluída, se a terra for desmatada e não houver nenhuma árvore para produzir suficientemente o ar que respiramos, se o solo estiver tão doente de agrotóxicos que nossas plantações não aguentem a produção de nosso alimento, se nossas relações com o próximo estiver tão violenta que serão inviáveis, se nossa jornada de trabalho for tão desgastante que nem força haverá para chegar em casa e aproveitar o ambiente do lar. Afirma Matsuura (2010, p. 11),

precisamos ter sabedoria para patrocinar uma ética do futuro, já que deverá ser a ética prevalecente se desejarmos fazer as pazes com a Terra. Este planeta é nossa imagem no espelho: se ele for ferido, nós somos feridos, se ele for mutilado, a humanidade também será mutilada. Para mudar o rumo, precisamos criar sociedades do conhecimento que possam combinar a luta contra a pobreza com o investimento em educação, pesquisa e inovação. Ao fazê-lo, criaremos os alicerces de uma verdadeira ética da responsabilidade.

Desta forma, criando uma verdadeira ética eco responsável, estaremos nos entregando a um amor maior, a um sentimento de comunidade planetária no qual somos cidadãos planetários, e este sentimento de

cidadania planetária supõe o reconhecimento e a prática da planetaridade, isto é, tratar o planeta como um ser vivo e inteligente, [...] e deve levar-nos a sentir e a viver nossa cotidianidade em relação harmônica com os outros seres do planeta Terra (GADOTTI in GUTIÉRREZ, 1999, p. 22),

que se “incorpore a Cidadania Ecológica como direito real ao ambiente saudável, à saúde ocupacional e à qualidade de vida”, conforme destaca Minc (1997, p. 27).

Mas precisamos ser realistas,

a construção de uma cidadania planetária tem ainda um longo caminho a percorrer no interior da globalização capitalista. A cidadania planetária deverá ter como foco a superação da desigualdade, a eliminação das sangrentas *diferenças econômicas* e a integração da *diversidade cultural* da humanidade. [...] Ela precisa fazer parte do próprio projeto da humanidade como um todo. (GUTIÉRREZ, 1999, p. 23)

Neste olhar, surge uma questão muito importante: como educar para esse sentimento de cidadania planetária? “Educar para a cidadania planetária supõe o desenvolvimento de *novas capacidades*, tais como: “vibrar emocionalmente”, “interconectar-se” e “pensar em totalidade”, de acordo com Gutiérrez (1999, p. 24). Questão essa a do educar, que se torna o cerne da pesquisa da Ecopedagogia, proposta pedagógica que visa uma transformação educacional “que promove a aprendizagem do *sentido das coisas* a partir da vida cotidiana. [...] E promover, conforme Gutiérrez é “facilitar, acompanhar, possibilitar, recuperar, dar lugar, compartilhar, inquietar, problematizar, relacionar, reconhecer, envolver, comunicar, expressar, comprometer, entusiasmar, apaixonar, amar”. (1999, p. 24)

E, a acerca deste sentimento planetário, poetiza-se a musicalidade:

Um fogo queimou dentro de mim, que não tem mais jeito de se apagar,
Nem mesmo com toda a água do mar.
Preciso aprender os mistérios do fogo pra te incendiar.
Um rio passou dentro de mim que eu não tive jeito de atravessar.
Preciso de um navio pra me levar.
Preciso aprender os mistérios do rio pra te navegar.
Vida breve Natureza,
Quem mandou, coração?
Um vento bateu dentro de mim que eu não tive jeito de segurar,
A vida passou pra me carregar,
Preciso aprender os mistérios do mundo pra te ensinar.
(MINC, 1997, p. 21 - MÚSICA DE MAURÍCIO MAESTRO E JOYCE)

E te pergunto leitor (a), depois de todo diálogo estabelecido até agora, foi possível compreender aonde pretendemos chegar? É possível encontrar argumentos e soluções para responder as perguntas feitas no início do capítulo?

Para iniciarmos essa conversa reflexiva vou buscar estabelecer um diálogo com as perguntas feitas no início do capítulo, para que você leitor (a) possa

compreender a abordagem da Ecopedagogia na formação do sujeito ecológico, que será tratada em capítulos mais à frente.

E pensando em ações locais para uma consciência global, será que já paramos para pensar em que sociedade vivemos? Sim, já parei para pensar e não só para pensar, mas analisar tanto a salubridade da sociedade na qual vivo quanto o que ela exige de mim enquanto cidadã.

Que tipo de relações instigamos entre uns e outros? Bom, na maior parte das vezes, porque não sou perfeita e também tenho momentos em que me sinto só na luta, eu instigo uma relação de: respeito à diferença, de aceitação ao que vem do outro, do questionamento reflexivo das coisas da vida, da apreciação e gratidão à vida, da consciência planetária, da autonomia e busca pela felicidade, da igualdade de direitos e deveres, da harmonização entre todos os seres vivos, sejam eles animais, vegetais ou minerais, instigo a luta pela qualidade de vida... Instigo acima de tudo a tomada de consciência acerca de quem somos e o nosso papel local na comum unidade planetária.

Que tipo de sistema social e educacional aceitamos e reproduzimos? Pergunta delicada essa né?! Mas que precisa ser respondida se quisermos e acreditarmos em algo diferente do que estamos vivendo hoje. Aceitamos e reproduzimos um sistema social chamado capitalista, que alimenta a fome e a desigualdade social, que discrimina e oprime determinadas etnias, que favorece poucos em detrimento de muitos, que consome e descarta bens por *status* social, que polui através da confecção de produtos fabricados e manufaturados sim. Nós infelizmente e contra a minha ética pessoal, fazemos parte de um sistema que pode acabar com a raça humana, o reino vegetal, animal e mineral.

Pois, questionar o sistema que se tem e propor uma educação para a liberdade e harmonia entre todos, é oportunizar que cada um seja sujeito consciente e responsável por seus atos, que seja reflexivo, que seja autor de suas escolhas e nisto, cidadão atuante da sociedade em que vive. É acabar com a repressão e libertar da escravidão. Como afirma Freire (1996, p. 85),

o mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na subjetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências.

Mas quem quer isso? Assim como Freire, eu quero e ainda somos muito poucos, os indivíduos que enxergam para além do horizonte a que temos acesso. Freire (1996, p. 85-86) contextualiza

não sou apenas objeto da *História*² mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me adaptar, mas para *mudar*. No próprio mundo físico, minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua, [...]. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. [...] A acomodação em mim é apenas caminho para a *inserção*, que implica *decisão*, *escolha*, *intervenção* na realidade.

Então, voltamos às questões que instigaram a presente pesquisa. Que tipo de vida queremos para nós mesmos, para os outros e nossos entes queridos? Quero uma vida em harmonia, em igualdade, em paz, sem fronteiras, sem competição, sem violência, com abundância de amor e alimentos, reinos animal, vegetal e mineral em equilíbrio, quero a felicidade regendo os passos de todos os seres, quero uma consciência coletiva planetária, a cooperação ao invés da individualização, quero uma sociedade diferente da que vivemos hoje. Quero uma utopia de verdade, quero a liberdade, quero o respeito entre os povos, ainda que esses sejam diferentes e assim o serão, pois a diversidade é o equilíbrio das relações. Já sabemos pois, que as monoculturas destroem e consomem os recursos do solo sem repô-los.

Quero um modelo de sociedade que não destrua, mas que construa, e nisto, “a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” como afirma Freire (1996, p. 88).

O que estamos fazendo enquanto cidadãos planetários? Eu trabalho com educação ambiental onde eu estiver, construindo jardins sustentáveis. Em qualquer ambiente, busco o som de pássaros, creio e tenho uma alimentação sem mortes, sem produtos nocivos à minha saúde, oportunizo a reflexão acerca do local onde estamos e acerca do que fazemos. Eu planto árvores, faço compostagem, cuido das plantas, das borboletas, das abelhas, tento reutilizar/ reciclar os resíduos secos quando eu consumo, promovo práticas de sensibilização ambiental e na educação com educandos e comunidade escolar, busco a conscientização de que todos

² Palavras em itálico quando citações seguem iguais à obra da qual foram retiradas.

somos parte de um organismo vivo, que é o planeta Terra. Reafirmo, ações locais para um contexto global.

Sentimo-nos cidadãos planetários? Mas o que significa sentir-se cidadão planetário? Entendo que ser cidadão planetário é compreender as inter-relações que estabeleço com cada ser vivo, é sentir que somos redes de conexão e que nestas relações, somos influenciados e influenciados mutuamente uns e outros, numa constante troca de energia. A cada dia que passa, sinto um avanço na minha sensibilização ambiental, a cada dia que passa, me percebo mais eco consciente e atuante, em cada oportunidade que tenho levo o sentimento planetário de fazer parte de algo maior e que precisa de eco-atitudes para que o equilíbrio se estabeleça.

Quais são nossos valores e atitudes? E que ética nos move diariamente? Perguntas estas que responderemos nos capítulos seguintes, por considerarmos que essas merecem atenção especial para a proposição da dialética crítica e da reflexão acerca.

Na busca então, pelo diálogo reflexivo, proponho que você leitor (a), também procure respondê-las afim de que possamos juntos pensar e atuar para construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos os seres planetários.

3 ECOPEDAGOGIA

Desde a mais tenra idade, por causa de uma ordem governamental que diz que “lugar de criança é na escola”, e que não cabe aqui se estender se está certa ou errada, as crianças são direcionadas para as instituições escolares. Sim, são colocadas em instituições de educação infantil, para então, ingressarem nos bancos escolares dos anos iniciais e continuarem sua jornada de formação até o ensino médio.

No atual contexto mercadológico, cuja relação entre tempo e trabalho é muito tênue, as crianças são obrigadas a ingressar cada vez mais cedo nas instituições de ensino, e as justificativas são inúmeras, pais sem tempo, jornada de trabalho acima do dito normal (8horas), cansaço exacerbado dos responsáveis, entre outras.

Ocorre que, acreditando na completude do indivíduo enquanto ser físico³, anímico⁴ e etérico⁵, a criança pequena, de meses, com dois, quatro anos ou seis anos, ainda precisa estar diretamente em contato com seus progenitores, mãe/ pai, visto que

seu corpo etérico ainda não está individualizado da mesma forma. Ele ainda tem ligação com as forças etéricas universais, e durante sete anos permanece envolvido num processo de amadurecimento, durante o qual plasma intensamente o corpo físico. Ao término desses sete anos, o corpo etérico é libertado de suas amarras, ‘nasce’ e torna-se autônomo – podendo, a partir desse momento, dedicar-se a novas tarefas (sem deixar de exercer sua função principal, ou seja, manter o organismo com vida). Esse término de seu trabalho plasmador sobre o corpo físico manifesta-se externamente pela expulsão dos dentes de leite e pela formação da dentição definitiva. [...] a criança entra na fase da maturidade escolar. (LANZ, 1998, p. 38)

Pois, ainda que acreditando na completude da formação do ser, sei que existem necessidades familiares no qual é melhor que as crianças estejam em locais de fomento ao desenvolvimento que são as escolas, do que abandonadas em suas residências ou na rua. Mas encontramos, infelizmente, modelos de educação que manifestam o alcance de alguns objetivos: a criança tem que mostrar sua aprendizagem; a criança tem que reproduzir o que o professor está ensinando; a criança que quer brincar tem problemas de maturidade escolar; se um educando não

³ Corpo/ matéria, segundo a ciência espiritual Antroposófica.

⁴ Corpo anímico: alma, segundo a ciência espiritual Antroposófica.

⁵ Corpo etérico: conjunto de forças que dão vida ao ser, corpo das forças plasmadoras, segundo a ciência espiritual Antroposófica (LANZ, 1998).

aprende de tal forma, ele tem problemas; e quando o educando ingressa nos bancos escolares dos anos iniciais, a cobrança da manifestação do padrão de aprendizagem muda para: criança que não aprende tem problema de aprendizagem; criança que fala, se agita e quer brincar, tem problema de comportamento; quem não lê no 1º ano escolar precisa de apoio pedagógico; e entrando para o ensino médio, a padronização é mais gritante: quanto mais conteúdo melhor; todos devem sair do ambiente escolar já instruídos ao mercado de trabalho para alcançar sucesso profissional e adquirir capital; é melhor ter do que ser; e então, os educandos saem da escola acreditando que: competir é o verbo de ação ao invés da cooperação; que o individualismo é melhor do que o coletivismo, que precisam trabalhar para ter *status* social e ser reconhecido como “alguém”. Um sistema educacional que por sua própria metodologia irá formar cidadãos com as referidas características: competitivo, individualista, acumulador e consumidor de bens, entre outras.

Por esses motivos, ressalto a importância de se perceber que “algo” precisa ser mudado. Precisamos compreender que o processo educacional é a referência no desenvolvimento dos indivíduos e de suas significativas relações com os objetos de aprendizagem, e que, conforme for essa referência, assim serão os adultos.

Cunhada no início dos anos 90, por Francisco Gutiérrez, a palavra Ecopedagogia fala a respeito da promoção da “aprendizagem por meio do sentido das coisas a partir da vida cotidiana [...] É por isso, uma pedagogia democrática e solidária” (GUTIÉRREZ, 1999, p. 24), conforme já dissemos acima. Promover, segundo Gutiérrez (1999, p. 24) é “facilitar, acompanhar, possibilitar, recuperar, dar lugar, compartilhar, inquietar, problematizar, relacionar, reconhecer, envolver, comunicar, expressar, comprometer, entusiasmar, apaixonar, amar”.

É preciso então que a educação, que a pedagogia se re-signifique. Pois, como afirma Gutiérrez,

tem-se esquecido que a essência do ato educativo é o acontecer dinâmico das lutas cotidianas e que a vida cotidiana é o lar do sentido. Não são os conhecimentos, as informações e nem as verdades transmitidas através de discursos ou leis que dão sentido à vida. O sentido se tece de outra maneira, a partir de relações imediatas, a partir de cada ser, a partir dos sucessivos contextos nos quais se vive. [...], a tomada de consciência ambiental cidadã só pode traduzir-se em ação efetiva quando segue acompanhada de uma população organizada e preparada para conhecer, entender e exigir seus direitos e exercer suas responsabilidades. (1999, p. 14)

A reflexão que se faz acerca desta formação de indivíduos está bem colocada por Gutiérrez (1999, p. 13) quando diz que “a crise atual vivida [...] não é tão-somente uma crise institucional ou individual. Não se trata apenas da má distribuição e consumo de bens, mas de uma crise de valores e de destino”, ressaltando que o problema que se apresenta visivelmente na sociedade, é invisivelmente bem maior do que a degradação do planeta e a escassez dos recursos naturais.

O destino da humanidade, afirma Manuel Formoso, depende em grande medida da capacidade que tivermos de assumir a planetariedade como condição dos novos processos sociais⁶. Assumir a planetariedade acarreta a construção e a execução de um projeto de civilização mencionado expressamente no Fórum Global da ECO 92: “entendemos que a salvação do planeta e de seus povos de hoje e de amanhã requer a elaboração de um novo projeto civilizatório”⁷. Nessa linha de uma nova civilização, a cidadania ambiental deve ser entendida como o diálogo e a relação convergente de todos os seres que conformam a comunidade cósmica. Dimensionar os seres humanos como membros do imenso cosmos nos obriga a uma profunda mudança de valores, relações e significações como parte do todo global. As práticas humanas nesse processo de auto-organização cósmica permanente nos levam ao desenvolvimento de atitudes básicas de abertura, interação solidária, subjetividade coletiva, equilíbrio energético e formas de sensibilidade, afetividade e espiritualidade. (GUTIÉRREZ, 2013 p. 39-40)

A citação de Gutiérrez nos coloca a refletir: como podemos assumir a planetariedade e salvar o planeta e seus povos? E o mesmo autor nos ajuda a responder essa pergunta quando ainda na mesma citação diz que, assumir a planetariedade, implica repensarmos uma nova civilização, cuja cidadania seja ambiental, numa relação harmônica entre todos os seres vivos, para as gerações atuais e as próximas.

Para tanto, há um documento que orienta a sociedade e as organizações civis e institucionais acerca da questão socioambiental e da sustentabilidade, no qual também vamos nos orientar para a construção das reflexões na busca por responder as questões previamente colocadas na referida proposta acadêmica, acerca da educação. O documento é conhecido como “Carta da Terra”.

A primeira versão desse documento redigido sobre o desenvolvimento sustentável surgiu no evento paralelo à Cúpula da Terra (ECO 92) no chamado Fórum Global, realizado no Rio de Janeiro, em 1992.

⁶ Formoso, Manuel. Mística planetária. *La Nación*, 15/9/1995.

⁷ Citado por L.Boff, op.cit., p.203, e está entre parênteses pois foi copiado *ipsis litteris*.

Nesse Fórum foi aprovada a **Carta da Terra**⁸, conclamando a todos os participantes para que adotassem o seu espírito e os seus princípios, em nível individual e social e por meio de ações concretas das Ongs signatárias. (GADOTTI, 2010, p.14)

O que o autor chama de ONGs signatárias nós chamamos de grupos de ação que realmente querem fazer algo para modificar o modelo consumista atual vigente em nossa sociedade planetária, que se importam com os habitantes do Planeta bem como com o Planeta. Neste Fórum,

essas organizações se comprometeram, ainda, a iniciar uma campanha associada, chamada *Nós somos a Terra*⁹, pela adoção da Carta. Ela encarna o chamado *espírito do Rio*, que está estampado no preâmbulo da primeira redação da Carta (LA ROVERE; VIEIRA, 1992, p. 31): Nós somos a Terra, os povos, as plantas e animais, gotas e oceanos, a respiração da floresta e o fluxo do mar. Nós honramos a Terra, como o lar de todos os seres vivos. Nós estimamos a Terra, pela sua beleza e diversidade de vida. Nós louvamos a Terra, pela sua capacidade de regeneração, sendo a base de toda a vida. Nós reconhecemos a especial posição dos povos indígenas da Terra, seus territórios e seus costumes, e sua singular afinidade com a Terra. Nós reconhecemos que o sofrimento humano, pobreza e degradação da Terra são causados pela desigualdade do poder. Nós aderimos a uma responsabilidade compartilhada de proteger e restaurar a Terra para permitir o uso sábio e eqüitativo dos recursos naturais, assim como realizar o equilíbrio ecológico e novos valores sociais, econômicos e espirituais. Em nossa inteira diversidade somos unidade. Nosso lar comum está crescentemente ameaçado. Assim sendo, levando em consideração sobretudo as necessidades especiais das mulheres, povos indígenas, do Sul, dos diferentes capacitados e de todos aqueles que se encontram em situação de desfavorecimento, nos comprometemos a... (seguem dez compromissos). (GADOTTI, 2010, p.14)

Entre diversas burocracias, a Carta da Terra, que surgiu para ser um “documento mundial que propõe uma *série de princípios para a construção da sustentabilidade da vida no planeta Terra*”, de acordo com Gadotti (2010, p. 14), precisou passar por muitas comissões, reuniões e encontros com a finalidade de aprovar na integralidade as suas proposições. Porém, a

cúpula da Terra não aprovou, como se esperava, um documento com o nome Carta da Terra, apesar de várias consultas intergovernamentais anteriormente feitas, desde o ano de 1990, porque não se chegou a um consenso sobre esse documento. Em vez de uma Carta da Terra, a conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento aprovou a *Declaração do Rio*, com princípios valiosos, mas sem a visão ética que se pretendia, inspirada na Declaração Universal dos Direitos Humanos. (GADOTTI, 2010, p. 15 e 16)

⁸ Em negrito conforme documento copiado *ipsis litteris*.

⁹ Em itálico conforme documento copiado *ipsis litteris*.

Através dessa citação, vemos a manipulação direta e indireta daqueles que estão representando o povo perante a sociedade, e que de acordo com suas concepções de vida em sociedade acabam por tomar decisões que muitas vezes não atendem as necessidades do povo e nem do ambiente no qual estão todos inseridos.

O que percebemos então, é que, além da manipulação de documentos, ocorrem distorções das ideias e redirecionamentos acerca de propostas que, por serem impactantes e urgentes, necessitam da autorização governamental. O que, diga-se de passagem, é ultrajante e desmerecedor da causa maior que é a justiça e igualdade para todos os moradores da casa Terra. Essa carta a que nos referimos, ressalta a urgência de câmbios: na mudança de valores, de atitudes, de olhares e de ações sobre o Planeta Terra e para com os habitantes deste.

E mais, Gadotti (2000, p. 12) nos adverte que a mudança que estamos falando diz respeito à impossibilidade “de um desenvolvimento sustentável numa sociedade capitalista”. Isto porque a ideia de desenvolvimento, “como possibilidade de progresso e crescimento ilimitado” (SCOTTO; CARVALHO; GUIMARÃES, 2009, p. 15) se casa com a lógica do sistema capitalista que está baseada na economia por meio de

um fluxo aberto. Este fluxo é unidirecional e se move entre dois infinitos: num extremo, matéria-prima e energia inesgotáveis, no outro, capacidade ilimitada de absorção de detritos. [...] não se admitem limites para o desenvolvimento e o crescimento econômico. (LUTZENBERGER, 1980, p. 13).

A quase totalidade do que convencionamos chamar de “progresso” não é outra coisa que um incremento na rapina dos recursos naturais. [...] Quando nos empolgamos com nosso fabuloso poderio tecnológico e nos orgulhamos do “domínio da natureza”, nosso entusiasmo pueril nos torna cegos diante dos verdadeiros custos das modernas tecnologias e não nos permite ver nossa total incapacidade de repor, com a mesma facilidade, o que destruimos. [...] Uma vez que não enxergamos os custos ambientais de nossas tecnologias, somos levados a contas incompletas e, portanto, erradas. Para tecnocratas, economistas e burocratas o dinheiro tornou-se a medida de todas as coisas- medida universal e exclusiva. Só é levado em conta o monetariamente quantificável. Mas o dinheiro, que representa apenas as regras do jogo da distribuição, entre humanos, dos episódios da exploração da Natureza, absolutamente nada tem a ver com o avanço ou regresso ecológico, em nada reflete a saúde da Ecosfera, as condições de sobrevivência. (LUTZENBERGER, 1980, p. 14)

Diante de toda reflexão feita por Lutzenberger, há que se realizar profundas mudanças, uma vez que

a crise ecológica não é consequência de nossas más intenções, é consequência de boas intenções, mas estas boas intenções tem suas raízes em postulados falsos. Demolimos a Ecosfera porque em nossa visão alienada não lhe damos nenhum valor. (IDEM, 1980, p. 16)

E neste sentido, nesta falta de religação com a natureza é que estamos enfrentando todas as consequências ambientais e sociais possíveis.

Aprofundando então o pensamento dos autores Lutzenberger (1980), Gadotti (2000) e Gutiérrez (2013), faz-se necessário pensarmos em um novo paradigma social e nisto um novo modelo educacional que promova não só a conscientização planetária e as atitudes descritas por Gutiérrez no início deste capítulo, mas o sentimento de comum unidade que se manifeste para com todos os seres vivos, uma vez que vivemos numa unidade planetária e que esta, para estar em equilíbrio, precisa que a enxerguemos como uma, interrelacional e cíclica. Visto que,

a causa profunda da crise não é tecnológica nem científica, é cultural, filosófica. Nossa visão incompleta do Mundo nos faz querer agredir o que deveríamos querer proteger. Achamos que devemos “dominar a natureza”, lutar contra ela para não sermos por ela dominados. Acontece que a alternativa “senhor ou escravo” não corresponde à realidade das coisas. (LUTZENBERGER, 1980, p. 16)

Considerando que a realidade natural das coisas é a cooperação entre os elementos que estão num mesmo local, num mesmo ambiente, o sentimento de pertença e de fazer parte impede qualquer sentimento de dominação, salvo na vida dos animais selvagens que por seus comportamentos e suas condições de habitat, estabelecem determinadas dominações a fim de perpetuar a sua espécie, enquanto que os seres humanos dominam a natureza e as pessoas para confecção de produtos, acumulação de bens e *status* social.

Partimos então, do pressuposto de que através da educação possibilitamos aos educandos, sejam crianças, jovens ou adultos, que adentrem a um mundo novo de conhecimentos. Um mundo novo que oportunize desvendar a incrível origem da vida, das coisas, a forma como a relação entre homem/natureza se deu desde os primórdios, os processos evolutivos que cada sociedade passou até se tornar o que é hoje, bem como todas as possibilidades de ação do individuo no ambiente em que está, como parte integrante de algo maior, como membro de um organismo vivo, chamado Planeta Terra.

A educação então, como ferramenta de oportunidades, como “promoção da aprendizagem”, conforme destaca Gutiérrez (2013, p. 64) precisa “oferecer e compartilhar recursos, caminhos, modos, práticas, meios e espaços pedagógicos” (GUTIÉRREZ, 2013, p. 64). E continua,

essa promoção é, nem mais nem menos, a razão de ser da mediação pedagógica, entendida ‘como o tratamento dos conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade’¹⁰. (GUTIÉRREZ, 2013, p. 64)

E para oportunizar essa promoção da aprendizagem, a Ecopedagogia trás em sua proposta educacional, a prática, a flexibilidade, o processo e o lado espiritual da totalidade holística (GUTIÉRREZ, 2013), que unidos a “estratégias, procedimentos e atividades” tornam o processo pedagógico uma vivência intencional e legítima de aprendizagens significativas à vida do educando. “Se a pedagogia é um fazer, os caminhos que a ela conduzem são construídos e percorridos nesse fazer cotidiano e permanente”, frase de Gutiérrez (2013, p. 65) que mostra, tal como na Permacultura, que a prática se faz no dia-a-dia, que as atitudes e os comportamentos se manifestam diariamente de acordo com a cultura de cada um, de acordo com a sua expressão da vida. E, desta forma, nós educAmores¹¹ vamos descobrindo, na prática docente que a “Pedagogia é abrir caminhos novos, dinâmicos, inéditos, irrepetíveis, sentidos e espirituais” (GUTIÉRREZ, 2013, p. 66).

Uma educação que trabalhe com o todo integralmente, mesmo que dentro de um modelo educacional comum à muitas escolas públicas e particulares. Um trabalho integral que se dê na interdisciplinaridade dos conteúdos curriculares, aliando informação, conhecimento, harmonia nas relações, cooperação, espiritualidade, arte, passado –presente – futuro, conteúdo com significação, para aí sim, os educandos encontrarem sentido na educação, sentido nos conteúdos, sentido em estudar para aprender a ser, a ver, a refletir, a dialogar, a trocar sobre as cotidianidades de cada indivíduo e nisto, acrescentar em suas conclusões acerca da vida, o olhar do outro, em respeito e admiração.

De acordo com Capra (2006, p. 19)

¹⁰ Aspas *ipsis litteris* o documento original.

¹¹ Educamor: termo utilizado pela autora para designar que se educa com amor. Em todos os trabalhos acadêmicos, a autora fez uso deste termo quando no ano de 2007, realizando um projeto de Permacultura na escola saiu de sua boca esse termo.

Por onde se dissemina, essa educação, que alia ciências ecológicas e sociais, história e arte, tem tido o dom de despertar nas pessoas um sentimento de admiração e respeito por todas as formas de vida e um profundo sentimento, até então desconhecido, de comprometimento, ao se perceber parte integrante da intrincada e fascinante 'Teia da Vida'.

E para trabalhar toda essa relação entre conteúdo e relações conscientes, ecológicas, humanistas e espirituais, a escola como um todo pode buscar na Carta da Terra, como já foi dito acima, orientação do como fazer e qual caminho pode percorrer, para auxiliar essa comunidade escolar nesse processo relacional.

A Carta da Terra tem um grande **potencial educativo**¹², ainda não suficientemente explorado pelas escolas. Este *livro* pretende oferecer alguns subsídios para aproveitar melhor esse conteúdo, tanto na educação formal quanto na educação não formal. Os princípios e valores da Carta da Terra – liberdade, igualdade, solidariedade, tolerância, respeito à natureza, responsabilidade compartilhada – podem servir de base para a criação de um sistema de educação, menos competitivo e mais solidário, com espaços escolares mais adequados e mais sustentáveis. (GADOTTI, 2010, p. 17)

Concatenando com a ideia da autora, Gadotti (2010, p. 7) diz que “a Carta da Terra emerge como uma declaração de princípios éticos e valores fundamentais para a construção de uma sociedade global mais justa, sustentável e pacífica”. Para educadores e seres humanos que creem num futuro de relações mais harmônicas, numa sociedade justa e igualitária para todos, num ambiente sustentável, colaborativo, cujas interações para com o próximo se dão com vistas a unir e não segregar, “ela inspira todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade partilhada” (GADOTTI, 2010, p. 7).

Precisamos pensar numa nova dimensão da educação, nascida “do processo de demanda” (GUTIÉRREZ, 2013, p. 55) para a construção de um mundo melhor, que abrace os quatro aspectos do processo educativo:

dimensão sociopolítica (a participação popular que, no melhor de seus sentidos, corresponde à democracia participativa, com base em que todo sujeito individual ou coletivo, empenhado na direção de sua própria vida, adquire poder político e, por conseguinte, participa da construção da sociedade civil); dimensão técnico-científica (a busca de soluções e de satisfações viáveis e possíveis requer de cada participante no processo não só saber, mas saber fazer, não só querer fazer, mas conhecer na prática os instrumentos adequados que levam à consecução das metas propostas); dimensão pedagógica (que nasce na cotidianidade em quatro momentos diferenciados: a) sentir a necessidade e perceber o problema, b) objetivar a

¹² Grifo *ipsis litteris* da obra consultada.

realidade para conhecê-la e atribuir-lhe significado, c) analisar as causas e consequências, d) propor os elementos de satisfação); dimensão espaço-temporal (não há processo sem tempo. A educação é um processo consumidor de tempo). (GUTIÉRREZ, 2013, p. 55)

Nisto, o ponto de partida para uma mudança de paradigma socioambiental é a cotidianidade, que se expressa diariamente na vida dos cidadãos e através da educação, essa cotidianidade pode ser percebida, sentida, compreendida, refletida, visível e questionável, pois os conhecimentos aprendidos na escola são inter-relacionados à vida diária. Pois de acordo com Gutiérrez (2013, p. 64) “somos essencialmente nossa vida cotidiana [...] e a vida cotidiana é o lugar do sentido e das práticas de aprendizagem produtiva”.

Estamos nos referindo à Ecopedagogia, que é uma teoria permeada por palavras como Educação, Sociedade e Natureza, palavras estas que nos instigam a compreender a estreita relação entre elas em uma teoria e uma metodologia que visa formar cidadãos críticos, com sentimentos de pertença planetária, que faz parte de um todo, e que está interligado e numa constante rede de trocas. Não que a Ecopedagogia seja somente isso, o termo vai mais além conforme aborda Gutiérrez (2013, p. 13), pois

convida a todos para repensar a educação (formal, popular, alfabetização etc.) a partir de três conceitos emergentes, inter-relacionados e envolventes: a partir da ecologia profunda; a partir da pedagogia como promoção da aprendizagem; a partir da planetaridade como dimensão política.

A Ecopedagogia que aqui nos referimos, é uma teoria relativamente recente e que surgiu devido à urgente necessidade de se modificar atitudes perante o meio em que vive, tanto localmente quanto globalmente. Surgiu com o intuito de oportunizar outras formas de educação, que não a da competição, mas a da cooperação, a da relação em harmonia e em rede de conexões de uns para com os outros, sejam eles humanos, não humanos, animais, vegetais ou minerais.

Gutiérrez (2013, p. 13) aprofunda o “repensar a educação” partindo de três ideias básicas, já citadas acima, mas detalhadas agora para que sua prática possa ser efetiva e realizável: “a partir da ecologia profunda”, que não separa os seres humanos do entorno natural, mas vê o mundo “como uma rede de fenômenos fundamentalmente interligados e interdependentes¹³”; “a partir da pedagogia como

¹³ Capra, *Trama de la vida*, 1998.

promoção da aprendizagem”, utilizando-se “de todos os recursos colocados em jogo no ato educativo¹⁴”; “a partir da planetaridade como dimensão política”, quando o sentimento de planetaridade é sentido e vivido, quando o individuo se sente “parte constitutiva da Terra: esse ser vivo e inteligente que nos pede relações planetárias, dinâmicas e sinérgicas”. (GUTIÉRREZ, 2013, p. 13,14,15,16) Ecologia, pedagogia e política, caminhando lado a lado rumo a um novo paradigma vivencial de relações entre os seres vivos no Planeta Terra estão imbricados na Ecopedagogia.

A Ecopedagogia na sua proposta pedagógica visa sobre todas as coisas, mostrar a interdependência que temos uns para com os outros nesta terra, e desta forma, como podemos, enquanto sociedade planetária, organizar as formas de vida na harmonização das relações, no equilíbrio e respeito à vida, como base educacional para a apresentação dos valores éticos com relação ao ambiente no qual se vive, na proposição de um currículo que oportunize que crianças, adolescentes, jovens e adultos possam compreender o mundo em que vivem, por meio de experiências práticas dos conteúdos curriculares através do contato com a natureza como uma alternativa pedagógica para orientar a formação do sujeito ecológico. Mas de que valores e atitudes estamos falando?

A proposta educacional da Ecopedagogia possui em sua base, valores ecológicos e métodos de libertação no desenvolvimento do ser, na construção do saber, na consciência do agir enquanto ser humano, no caminhar com sentido, e

a própria significação, o sentido que pessoal ou coletivamente possamos dar ao nosso caminhar, é a pedra fundamental sobre a qual deve se assentar a significação da cidadania planetária. Essa fundamentação abre de par em par a porta das relações possíveis e de esperança. [...] Essa dimensão de abertura e de flexibilidade nos coloca diante de uma educação concebida como criação de novas e possíveis relações. [...] Dessa concepção dinâmica, criadora e relacional desprende-se que a educação é um processo de elaboração de sentidos. (GUTIÉRREZ, 2013, p. 67-68)

Cunhada por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, como já vimos no início do presente capítulo, a teoria da Ecopedagogia em sua totalidade é uma proposta pedagógica que visa mudanças no modo de ver “a vida cotidiana a partir das necessidades e interesses das pessoas” (GUTIÉRREZ, 1999, p. 24). Por este motivo, também é um ato político, além de ser um processo educacional, e um verbo de ação, imperativo de profundas e urgentes mudanças para a construção de uma

¹⁴ Gutiérrez, 2013, p. 14 (citado por Perez e Castillo, p.4).

sociedade sustentável, e de uma aprendizagem significativa acerca da vida e suas razões de ser. A Ecopedagogia, sustentada por sua teoria e prática, encontra campo de atuação, na sala de aula.

Uma Pedagogia da Terra, como nos afirma Gadotti (2000, p. 20)

cheia de esperança, onde afloram os valores humanos fundamentais: a amizade, o respeito, a honestidade, a admiração, a ternura, a emoção, a solidariedade, a aproximação entre o simples e o complexo, a atenção, a leveza, o carinho, o desejo e o amor.

E, por amar e acreditar ser possível um futuro diferente desse presente que estamos vivendo diariamente, é que estudamos e praticamos vivências com a natureza, no sentido de nos sentirmos parte deste todo, de estar presente na luta por uma ressignificação política, educacional e socioeconômica.

Encontramos no próximo capítulo, esse como fazer e agir cotidianamente acerca das mudanças que queremos ver no mundo. Mudanças essas que encontram caminhos para serem percorridos, rumo aos objetivos traçados para a construção de uma sociedade sustentável.

4 PERMACULTURANDO NA EDUCAÇÃO

Há que se identificar e conhecer a origem das diversas práticas vivenciais que oportunizam a inter-relação de conteúdos com a realidade pessoal de cada educando/educador. Estamos falando da Permacultura enquanto prática ecológica. O que ela oferece ao cidadão, educando/educador, para que este se transforme e se forme em agente ativo da ecologia e cidadão planetário será apresentado no presente capítulo.

Partimos então dos conceitos básicos que abordaremos no decorrer deste, para que possamos compreender a ideia que se apresenta. O que é a Permacultura que citamos acima? É a cultura permanente da terra. Mas em que dimensão essa cultura da terra se apresenta? E como os indivíduos podem fazer uso dela como cidadãos ecológicos?

No prefácio de Mars (2008, p. III) escrito pelo próprio co-autor da palavra Permacultura, David Holmgren, ele explica que “é o design consciente da nossa relação de trabalho com a natureza”. E continua, “Permacultura envolve a integração de princípios ecológicos, ética e valores de trabalho com a natureza e o contexto detalhado e especificações práticas da vida do local”. Mas ressalta que “na tentativa de combinar estas três distintas esferas da atividade humana, existe tensão constante e necessidade de reestruturar o equilíbrio”. Por isso, a Permacultura e suas práticas devem estar de acordo com o contexto local, podendo ser copiado de outro ambiente, mas adaptado ao que se está vivendo, conforme nos diz Holmgren ainda no prefácio,

As soluções massificadas para o uso da terra, o sustento e a linguagem da nossa cultura industrial falharam. A esperança e a busca para novas soluções em massa contradizem as específicas características locais da natureza. O que precisamos são universais, poderosos e compreensíveis princípios de design que sirvam como guias práticos para um desenvolvimento diversificado.

Mas vamos à origem das coisas para que possamos compreender como podemos fazer uso dos princípios, da ética e dos valores que a Permacultura apresenta para uma vida em equilíbrio com a natureza.

A palavra Permacultura surgiu na década de 70, na Austrália e foi cunhada por David Holmgren e Bill Mollison (1983, p. 15), para designar “um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes ou auto-perpetuantes

úteis ao homem. [...] é um ecossistema agrícola completo”. Mas esse conceito foi atualizado ao nosso atual contexto socioambiental por Holmgren em seu documento Fundamentos da Permacultura (2007, p.3) no qual nos diz que

uma definição mais atual de permacultura, que reflete a ampliação da abordagem implícita no livro Permacultura Um, é: Paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais. As pessoas, suas edificações e a forma como se organizam são questões para a permacultura. Assim, a visão da permacultura de uma agricultura permanente ou sustentável evoluiu para uma visão de uma cultura permanente sustentável. (ANEXO A)

Permacultura é então, a união entre as palavras “*agricultura e permanente*”, sendo as culturas naturais cultivadas para a permanência e a auto-regulação da sustentabilidade que tanto ouvimos falar hoje em dia. A diferença entre as outras práticas de agricultura/horticultura e a Permacultura é que a segunda, de acordo com Mars (2008, p. 1) “busca integrar todos os componentes do ecossistema através de uma abordagem holística para um viver sustentável e prático”. Mas não só na parte da alimentação, da agricultura como sugere a origem do termo.

Atualmente, a Permacultura é pensada além das linhas da cultura permanente, incorporando todos os aspectos dos seres humanos e seus assentamentos. No entanto, cultivos são uma forma simples para as pessoas assumirem alguma responsabilidade por sua existência e preocuparem-se com a Terra. (MARS, 2008, p. 1)

E com base nessa premissa de assumirmos uma “certa” responsabilidade por nossa existência nesta Terra, a Permacultura possui uma ética pautada em três condições: Cuidar da Terra, Cuidar das Pessoas e Repartir os excedentes. Ética essa que norteia os sete campos de manejo da terra e da natureza na busca pela sustentação da humanidade. Os sete campos são: Manejo da Terra e da Natureza, Espaço Construído, Ferramentas e Tecnologias, Cultura e Educação, Saúde e Bem-Estar Espiritual, Economia e Finanças, Posse da Terra e Comunidade. E ainda possui 12 Princípios de Design que norteiam as áreas de “transformação para a criação de uma cultura sustentável” (HOLMGREN, 2007, p. 3).

Para fins de ilustração, há uma Flor da Permacultura que apresentamos no anexo B para que, o que acabamos de referir acima, possa ser visualizado e compreendido nos termos de design como é uma das ideias da Permacultura, ser um Sistema de Design Permacultural. Esse design

é na verdade apenas uma representação ilustrativa da interrelação entre objetos, estruturas, plantas, animais e humanos. O design apenas nos fornece informação sobre a localização e os tipos de espécies, porém não diz nada sobre suas interações que são o mais importante em qualquer ecossistema. (MARS, 2008, p. 3)

Nessa perspectiva, Holmgren (2007, p. 3) afirma que, “as pessoas, suas edificações e a forma como se organizam são questões centrais para a Permacultura”. E continua,

a Permacultura como uso do pensamento sistêmico e de princípios de design que proporcionam a estrutura conceitual para a implementação da visão ou do conceito descrito anteriormente. Para tanto, deve reunir as diversas ideias, habilidades e modos de vida os quais devem ser reinventados e desenvolvidos com o objetivo de nos tornar capazes de prover nossas próprias necessidades, ao mesmo tempo em que aumentamos o capital natural para futuras gerações. (2007, p. 3)

Com a questão ambiental como pauta das notícias sociais diárias em todo o Planeta Terra, precisamos destacar que ao longo dos anos,

o conceito de Permacultura se desenvolveu, tanto que hoje em dia incorpora finanças, coleta de água, comunidades, construções e tecnologias alternativas e apropriadas. Para muitos de nós, Permacultura é uma moldura que une muitas disciplinas, integrando assuntos sobre aquicultura, investimentos éticos, horticultura, tecnologia solar, solos e muitos outros, onde cada um contribui como uma parte do todo. (MARS, 2008, p. 1) (ANEXO B)

E nesta composição de elementos que são parte de um todo que é o meio ambiente, estão envolvidos seres humanos, animais, vegetais, que em harmonia oportunizam trocas benéficas de energia e de bens para todos os envolvidos nesta relação. Como diz Mars (2008, p. 1)

é muito mais um conjunto de técnicas que podem ser utilizadas para construir um sistema onde energia é coletada, canalizada e deixada a fluir, mantenho em mente que é sempre mais econômico conservar energia do que produzir.

Mas ter técnicas sem ética significa “andar e não sair do lugar”, o que nos remete a uma informação importante acerca da Permacultura e sua prática: que ela possui foco nas oportunidades e não nos obstáculos, pois estamos falando de um contexto socioeconômico que está envolto em tantos obstáculos impondo-nos à sanidade física, mental e espiritual dos seres vivos, e neste sentido, o foco de todas as ações tem que estar na solução e não nos problemas. Pois sim, o sistema que vivemos hoje está saturado de informações, de desgastes, de acúmulos descartáveis, de consumos inviáveis, de desigualdades cada vez maiores, de

extrações sem medida, de relações injustas e sim, a questão da mudança é para o reequilíbrio planetário como um todo, com todos os envolvidos. Assim,

No contexto de ajudar na transição do consumismo ignorante para a produção responsável, a Permacultura se apoia na persistência de uma cultura de autoconfiança e de valores comunitários, e na preservação de uma série de habilidades, tanto conceituais como práticas, a despeito dos estragos causados pela afluência. [...] e trata essas questões através da reintegração e comprometimento com os ciclos de produção e consumo em torno do ponto focal da pessoa motivada e atuante no âmbito de uma família e de uma comunidade local. (HOLMGREN, 2007, p. 5-6)

É neste ponto que entra a educação, porque, como afirma Caldart (2011, p. 67)

a escola é uma construção social e histórica. [...] Ela não é apenas um efeito ou reflexo das relações sociais capitalistas; ela participou da construção da nova ordem urbana, burguesa, capitalista. [...] No entanto, mudanças significativas que conseguirmos fazer na escola podem ajudar no próprio processo de transformação social mais amplo, desde que feitas na perspectiva da formação dos construtores ou sujeitos deste processo.

Nisto, encontramos a Permacultura na educação, que através de seu método prático, oportuniza a vivência de outras propostas de modos de vida que remetam a um equilíbrio energético nas relações entre indivíduos e meio ambiente. Uma vez que sabemos e Legan (2007, p. 10) confirma que a “educação melhora a condição humana, e é um fator decisivo para tornar as pessoas produtivas e responsáveis membros da sociedade”, nós enquanto educadores que somos e que sentimos o chamado do Planeta Terra para trabalharmos em sua causa e na causa de melhores condições de vida para os habitantes deste planeta, só temos um local para agir: a sala de aula, ambiente no qual os seres ali presentes estão sedentos de curiosidade, de imaginação, de criatividade, e nisto, sedentos por ações concretas de conhecimentos para a vida, no qual se sintam parte atuante desta sociedade na qual vivem. (ANEXO C)

Então, ressurgem aquelas perguntas: Quais são nossos valores e atitudes? E que ética nos move diariamente?

Enquanto educadora que sou, e sabendo não ser perfeita, mas consciente do chamado espiritual que recebi do Planeta Terra para trabalhar em sua causa na educação de indivíduos, busco atuar na formação de cidadãos planetários, sujeitos ecológicos, que conforme estudo feito por Carvalho (2008, p. 67), são aqueles indivíduos que “crêem nos valores ecológicos”. E destaca ainda que,

o sujeito ecológico agrega uma série de traços, valores e crenças e poderia ser descrito em facetas variadas. Em sua versão política, poderia ser apresentado como sujeito heroico, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de um novo paradigma político-existencial. Em sua versão Nova Era, é visto como alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário, holista. Em sua versão de gestor social, supõe-se que partilhe de uma compreensão política e técnica da crise socioambiental, sendo responsável por adotar procedimentos e instrumentos legais para enfrentá-la, por mediar conflitos e planejar ações. (2008, p.67)

E, lendo e relendo a citação acima, parece que fiz um pouco do meu autorretrato, me encontrando enquanto cidadã planetária, permacultora e educadora, agindo com a ética que me move e que possui os três pilares já citados anteriormente, na busca por servir na educação para a construção de um novo modelo de sociedade, sustentável, equilibrado, harmônico, saudável e igualitário para todos os que no Planeta habitam.

Nisto, vejo a Permacultura como a ferramenta ideal de vivência educacional para que uma mudança significativa nos modos de vida possa acontecer, sem que esta seja de tal forma tão agressiva como o modelo de sistema que temos vivido nos últimos tempos.

E se a grande questão para a sobrevivência das espécies planetárias é a mudança de paradigma de sociedade, da capitalista para a sustentável, precisamos compreender o significado de ser sustentável. Legan (2007, p. 10) diz que “o sistema em que vivemos deve satisfazer nossas necessidades de crescimento e manutenção e o excedente deve ser utilizado para re-investimento”, e destaca que

o envolvimento das crianças de hoje na educação ambiental é fundamental para o sucesso a longo prazo dos esforços para a sustentabilidade. [...] A verdadeira educação ambiental só acontece na vivência prática com o ambiente, descobrindo nosso impacto e nosso potencial de restauração. (LEGAN, 2007, p. 11)

E essa vivência prática é o que promove a Permacultura, que

é um conceito orientado para a ação que está mudando a forma como as pessoas pensam e agem em relação às demais e a Mãe Terra. É um processo de poder pessoal, pois qualquer um pode fazê-lo! Ela nos incentiva a sermos autossuficientes e capazes. [...] Pela conexão com a terra as crianças podem experimentar a força da natureza e aprenderem a cuidar do Planeta Terra. Cozinhando e partilhando refeições podem aprender a cuidar dos demais. E partilhando recursos enquanto aprendem a matemática, a linguagem, geografia e ciências. (LEGAN, 2007, p. 15)

E falando de educação, Legan (2007, p. 15) ainda faz um destaque importante acerca da vivência no aprender quando diz que, “o aprendizado com significado requer a integração de ideias a partir de várias perspectivas diferentes, ao contrário da compartimentalização do conteúdo em “caixinhas” de conhecimento”.

A autora Lucia Legan que estamos citando no presente trabalho é a responsável pela obra “Escola Sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente”, livro que indica como a questão ambiental aliada à Permacultura pode ser aplicada num ambiente educacional. Neste livro, Legan compõe um planejamento curricular para ser trabalhado ao longo do ano letivo, abordando de forma lúdica, prática, pedagógica e permacultural nos campos do saber, os conteúdos curriculares ditos “normais”. São ações locais diante de uma consciência global.

E acrescenta que a “eco-alfabetização é a compreensão dos princípios básicos da sustentabilidade, sendo capaz de refleti-los na vida diária das comunidades humanas”, trazendo “os seis pontos relevantes para a educação de uma cultura sustentável” (LEGAN, 2007, p. 11) que são:

- Segurança Alimentar (restauração da Terra e dos solos danificados; sementes de polinização aberta; florestas de alimentos orgânicos; segurança alimentar, saúde e nutrição; distribuição equitativa dos alimentos);
- água (acesso a água limpa para todos; oceanos vivos; bacias hidrográficas saudáveis; conservação);
- Energia e Tecnologia (reciclar, reduzir, reparar, reusar e repensar; uso ético dos recursos naturais; consumo justo de energia; acesso equitativo às tecnologias; fontes renováveis de energia);
- Comunicação e Cultura (partilha do conhecimento; cooperação, não competição; dar poder aos indivíduos; troca de opiniões; consenso; direitos humanos; cultura local);
- Espécies e Ecossistemas (manutenção da diversidade de plantas e animais; respeito à todas as formas de vida; reflorestamento; responsabilidade individual por todas as criaturas vivas);
- Economia Local (consumo sustentável; consumo dos produtos da localidade; comércio ético; manejo de recursos; empresas ecológicas; minimização do lixo). (ANEXO D)

Com um currículo programático desse nível, é possível imaginar as possibilidades de ensino e aprendizagem no que tange à formação do sujeito ecológico, bem como as oportunidades de conhecer, de desbravar, de se sentir parte do todo, de se tornar agente ativo da responsabilidade planetária, tanto dos educandos e do próprio educador. Cidadãos ecológicos em suas formas de agir e pensar, visto que isso é uma coisa só, perante cada atitude diária. Sobre a afirmação acima, Legan destaca que

a educação ambiental de hoje deve construir sobre a curiosidade natural das crianças e sobre o entusiasmo pela exploração, com programas que descubram a natureza pela ciência, matemática, leitura, escrita, estudos sociais e arte, tecendo juntas com a investigação prática e encorajando a avaliação dos problemas e das soluções. (2007, p. 12)

Juntos, os conteúdos ditos “normais” podem ser trabalhados de uma linda maneira, através da interdisciplinaridade, no qual, uma determinada atividade pode envolver todos ou alguns conteúdos, com os quais os educandos e os próprios educadores encontrarão relações tanto para o descobrimento de soluções, como de significações para a vida cotidiana. Legan (2007, p. 12) chama isso de “flexibilidade e capacidade de acessar e integrar o conhecimento de diferentes origens”.

E “passando às crianças a responsabilidade de algo concreto para fazer no mundo, e no local onde vivo, expressamos nossa confiança na capacidade de trabalhar, de resolver problemas de forma criativa e cooperativa” (LEGAN, 2007, p. 12). E assim, ajudamos na formação de indivíduos seguros de si, capazes de dialogar e refletir sobre ações e situações, sobre o presente e o futuro. Ajudamos no desenvolvimento de cidadãos críticos, cujos valores e a ética pessoal estão imbricadas num sentimento de unidade e pacificidade para com o próximo, cujo olhar não está apenas no ter, mas no ser e no servir, cujas ações refletem um pensamento amoroso e equilibrado e assim, ajudamos na formação de uma sociedade criada e desenvolvida por esses cidadãos cujas características acabamos de citar.

As ações podem ser desde a construção de uma horta, a separação dos resíduos, a produção de adubo orgânico, armazenamento de sementes, construção de uma cartilha com o passo a passo de como se faz plantios orgânicos, design de ambientes permaculturais com armazenamento da água da chuva, tratamento das águas cinzas, compostagem de resíduos, agroflorestas, tecnologias apropriadas como secador solar, fogão solar, plantas medicinais, culturas ancestrais... (ANEXO E)

Mas e a Permacultura enquanto ferramenta? Bom, havendo ambientes escolares cujos planejamentos e os conteúdos curriculares contemplem a ecologia como princípio norteador de todas as atividades para o desenvolvimento do ser, ou escolas que queiram modificar seus métodos conservadores de ensino, usamos da Permacultura para as vivências práticas de todos os conteúdos, como atividade de transformação do ambiente e do ser, como oportunidades para que toda a

comunidade escolar, educandos, educadores, responsáveis e funcionários possam descobrir outras formas de ser, de pensar, de se relacionar, de agir e de fazer parte desta comunidade planetária.

A Permacultura auxiliando então no processo de desconstrução do eu capitalista, para a construção do eu sustentável, criando pontes de saber e de conhecimento para um viver mais ecológico e planetário, conforme Holmgren ressalta quando fala acerca dos princípios da Permacultura. Vejamos,

o processo de prover as necessidades das pessoas dentro de limites ecológicos requer uma revolução cultural. Inevitavelmente, tal revolução é repleta de confusões, pistas falsas, riscos e ineficiências. [...] Os princípios da Permacultura são breves afirmações ou slogans que podem ser lembrados como um “check-list” quando consideramos as inevitáveis e complexas opções para o design e evolução de sistemas de suporte ecológico. (2007, p. 7)

Pois sim, os limites existem e muitas vezes não são tão físicos como gostaríamos, mas esse é o cerne da questão. A Permacultura, com toda a sua essência, mostra “por A+B” que a mudança é possível, basta que cada indivíduo aceite que é preciso fazer uma readaptação do seu modo de vida, considerando as suas próprias limitações e as planetárias, que são físicas, visíveis e nos afetam mutuamente. E aceitando, a transformação acontece num passo a passo gostoso de ser vivido. Principalmente se fazemos uso dos princípios da Permacultura com seus slogans cabíveis ao cotidiano de todo cidadão.

Cita-los-ei pois considero importante que você leitor, consiga encaixá-los na sua vida também. Afinal de contas, precisamos todos fazer modificações e readaptações para que possamos salvar a humanidade e permitir a restauração do planeta. Nisto, Holmgren (2007, p. 9) destaca que

os princípios devem proporcionar uma orientação na escolha e desenvolvimento de aplicações úteis, então devem incorporar conceitos mais gerais de design de sistemas, ser expressos numa linguagem que é acessível a pessoas comuns e em consonância com fontes tradicionais de sabedoria e bom senso.

São eles,

1. Observe e interaja: 'A beleza está nos olhos do observador'
 - *Se tomamos tempo para interagir com a natureza podemos desenhar soluções aptas para nossa situação particular.*



2. Capte e armazene energia: 'Produza feno enquanto faz sol' - *Através da criação de sistemas de coleta de recursos durante tempos de abundância, poderíamos usá-los em tempo de escassez.*



3. Obtenha rendimento: 'Você não pode trabalhar de estômago vazio' - *Assegure que está obtendo rendimento realmente útil como resultado do trabalho que está fazendo.*



4. Pratique a auto-regulação e aceite feedback: 'Os pecados dos pais recaem sobre os filhos até a sétima geração' - *Precisamos desencorajar atividades inapropriadas para garantir que os sistemas possam continuar a funcionar bem.*



5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis: 'Deixe a natureza seguir seu curso' - *Aproveite a abundância da natureza para reduzir nosso comportamento consumista e a dependência de recursos não-renováveis.*



6. Não produza desperdícios: 'Não desperdice para que não lhe falte'. 'Um ponto na hora certa economiza nove' - *Valorizando e utilizando todos os recursos que estão disponíveis para nós nada será desperdiçado.*



7. Design partindo de padrões para chegar aos detalhes: 'Às vezes as árvores nos impedem de ver a floresta' - *Dando um passo para trás, podemos observar padrões na natureza e na sociedade. Estes podem ser a "coluna vertebral" em nossos designs, com os detalhes sendo preenchidos ao longo do tempo.*



8. Integrar ao invés de segregar: 'Muitos braços tornam o fardo mais leve'
- **Colocando as coisas certas nos lugares certos, as relações se desenvolvem entre essas coisas e trabalham juntas para suportar uma a outra.**



9. Use soluções pequenas e lentas: 'Quanto maior, pior a queda'.
'Devagar e sempre ganha a corrida' - **Sistemas pequenos e lentos são mais fáceis de manter do que os grandes, fazendo melhor uso dos recursos locais e produzindo resultados mais sustentáveis.**



10. Use e valorize a diversidade: 'Não coloque todos seus ovos numa única cesta' - **A diversidade reduz a vulnerabilidade à uma variedade de doenças e tira vantagem da natureza única do meio onde se encontra.**



11. Use as bordas e valorize os elementos marginais: 'Não pense que está no caminho certo somente porque ele é o mais batido' - **A interface entre as coisas é onde os eventos mais importantes acontecem, estes são geralmente os mais válidos, diversos e produtivos elementos do sistema.**



12. Use criativamente e responda às mudanças: 'A verdadeira visão não é enxergar as coisas como elas são hoje, mas como serão no futuro' - **Nós podemos ter um impacto positivo nas mudanças inevitáveis observando cuidadosamente e então intervindo no momento certo.**



(<http://permacultureprinciples.com/pt/index.php>)

Ao fazermos a leitura de cada um dos princípios, podemos entender como fazer nas relações com nosso cotidiano, pois cada um deles nos convida, de forma

indireta a repensar as nossas ações diante do título que ele propõe e diante do provérbio que ele traz. E é neste sentido que a Permacultura oportuniza a mudança, porque nos faz refletir o tempo todo sobre nossos atos.

A Permacultura é mais do que uma ferramenta, pois sua base ética de agir está pautada em princípios de relações de troca para com todo um organismo vivo que é a Terra, o Planeta, e encontra-se já como uma filosofia de vida, pois representa o modo como indivíduos vivem sua cotidianidade, é um jeito de se viver as ações diárias para com o meio ambiente e os outros companheiros seres vivos. E mesmo que muitos seres não consigam viver totalmente o espírito da Permacultura enquanto ser uno com o Planeta, mesmo assim, se algumas de suas práticas puderem ser vivenciadas em determinado ambiente, ainda assim, estará convergindo para a transformação de um sistema social.

Como afirma Mars (2008, p. 3) parafraseando Graham Bell “Permacultura não é um destino, é uma direção”. [...] “é uma jornada de uma vida de mudanças e crescimento”. E sendo essa jornada de vida, podemos dizer que a vivência da Permacultura nas instituições escolares é algo especial, visto que,

ninguém mora na escola, os alunos crescem e a cada ano vão embora, não existe um responsável permanente pelos cultivos, ninguém cuida das áreas o tempo todo e muitas das estruturas propostas podem ser estéticas ou para demonstração. No entanto, que lugar melhor do que o pátio de uma escola para nos tornarmos parceiros da natureza e aprendermos sobre o ciclo da água, o ciclo dos nutrientes, minhocas, cadeias alimentares, solos e cultivos? [...] A criação de cultivos permite aos professores incentivar os alunos a terem amor pela natureza e pela terra, e se os estudantes se sentirem intimamente envolvidos com a natureza, seu cuidado com a natureza será duradouro. (MARS, 2008, p. 128)

Vejamos, pois, como a Permacultura, sendo mais do que uma ferramenta, oportuniza a formação de sujeitos ecológicos, conforme veremos no capítulo a seguir.

5 PRÁTICAS ECO-PERMA-PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO

Nossas ideias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem. (CARVALHO, 2008, p. 33)

Chegamos então no capítulo que busca descrever quem é o sujeito ecológico, eco consciente de suas ações e atuante perante seu meio ambiente, como ele se forma e como age diante de sua realidade social, quais são suas atitudes ecológicas que o distingue de uma postura não eco-consciente, mostrando quais são as práticas ecológicas, permaculturais e pedagógicas que oportunizam a formação do sujeito ecológico. Que conceitos, valores e atitudes tem esse sujeito? Que ética lhe move? São algumas das questões que pretendemos responder na presente explanação.

O capítulo anterior nos apresentou a Permacultura como ferramenta de ação para uma mudança de atitude perante o meio ambiente, o sistema socioeconômico vigente e a sobrevivência humana. Apontou também que a Permacultura ultrapassa o significado de ser apenas uma ferramenta visto que possui uma base de princípios éticos e de valores muito bem determinados que definem inclusive, a escolha de vida daquele que se chama Permacultor.

Trouxe a tona, o fato de que apenas fazer uso das referidas ferramentas permaculturais, não nos torna um cidadão ecológico, tamanha as mudanças que devemos fazer acerca do nosso dia-a-dia neste sistema. Mas salientou que essa escolha é “uma jornada de uma vida de mudanças e crescimentos” (MARS, 2008, p. 3), e por este motivo, só a escolha não nos apronta para essa completude ecológica, pois é uma caminhada a ser percorrida durante toda a existência terrena, diariamente.

Constituir-se um cidadão ecológico demanda primeiramente que estejamos abertos aos sinais energéticos invisíveis de nossa conexão com a Mãe Terra. Necessita que sintamos no coração o chamado de sermos agentes coparticipantes a favor dos ecossistemas, visto que necessitamos deles para sobrevivermos. Mas

como podemos nos sentir parte de algo vivo, se neste mundo tão corrido e tão tecnológico vemos a vida através de uma telinha?

E é aí que entra a educação, é aí que encontramos no aprender diário da vida que nunca estamos totalmente prontos, que nos modificamos a cada segundo. A educação como porta de entrada para o conhecer, para o desbravar, para o refletir, para o sentir, para o experienciar, para o trocar, para fazer, para tentar, para conectar, para ser. Mesmo que não percebamos conscientemente, em cada respirar, já não somos mais os mesmos. E, através da educação, essa mudança pode ser compartilhada, pode ser trocada, pode ser experimentada, pode ser vivida.

Com propostas educacionais como nos aponta o livro de Lucia Legan chamado “A Escola Sustentável: Eco-Alfabetizando pelo ambiente”, ou a experiência de Carolyn Nuttall, contada na sua obra “Agrofloresta para crianças: uma sala de aula ao ar livre” podemos visualizar o começo de muitas outras iniciativas pedagógicas, que estão surgindo pelo nosso planeta. São ideias de cunho pedagógico que aliam a sensibilização ambiental com a formação integral do ser, no qual todos os âmbitos do desenvolvimento humano buscam ser contemplados. Legan (2007, p. 13) afirma que

a re-orientação da educação envolve ensinamentos ou instruções que não somente aumentam o conhecimento do estudante, mas incentivam o desenvolvimento de habilidades e valores que orientarão e motivarão para estilos de vida sustentáveis.

Estilos de vida sustentáveis pautados em habilidades, conhecimento e valores, descritos por Legan (2007, p. 13) como:

Habilidades: falar em público, escrever, ler, calcular, medir, usar o computador, usar equipamento científico, debater, dar e receber, negociar, discutir e observar; Conhecimento: conceitos, fatos, relações, histórias, causa e efeito, compreensão individual, categorias, atributos, perspectivas, descrição; Valores: curiosidade, descoberta, explicação, sentimentos, expressão, disposição, preferências, busca de apoio, cooperação.

E, se estamos em uma transformação constante, quando afirmo me lembro das palavras de Paulo Freire (1996, p. 25) acerca da formação, “[...] começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*”. Essa frase está na sua origem se referindo ao ato de ensinar e aprender, e eu complemento que esse ensinar e aprender acontece diariamente, sem necessariamente a presença de bancos escolares para tal. Somos o tempo todo ensinantes e aprendentes, e damos

graças por isso, pois mostra que nada é estanque, que nada é imutável, e neste nosso contexto, a referida prerrogativa nos causa sentimento de esperança, por acreditarmos ser possível mudar o modelo consumista e individualista que está regendo nossa sociedade planetária.

Para tanto então, precisamos que essa mudança de energia planetária seja organizada por cidadãos planetários, por sujeitos ecológicos, que acreditam na estreita relação entre homem e natureza. Cidadãos esses que possuem conceitos e visões de interconexão com a natureza, que enxergam a vida e o ambiente como um espelho que reflete os seus, os nossos atos, no qual “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (CARVALHO, 2008, p. 36).

Claro que a questão de se sentir parte de um todo que talvez nem tenhamos noção do real tamanho, não acontece da noite para o dia, mas gradualmente, dia-a-dia, com vivências junto à natureza, animais e plantas. “Pela conexão com a terra as crianças podem experimentar a força da natureza e aprenderem a cuidar do planeta Terra” (LEGAN, 2007, p. 15). Rubem Alves (2006, capa) fala de uma “educação dos sentidos”, quando nos convida em sua obra “Vamos construir uma casa”, a olharmos o nosso corpo como uma morada, a enxergarmos o planeta Terra como nossa morada, “porque a Terra é a nossa grande casa, a casa das nossas casas” (2006, p. 127).

E nessa vivência, nesse sentir-se casa, morada de energia, o indivíduo vai se percebendo enquanto ser espiritual de conexão, sentindo amor e gratidão por tudo que está ao nosso redor, e desse sentimento de amor e gratidão surge a vontade de fazer algo para a continuidade de tudo isso, que um pouco mais além, por meio de estudos e informações acerca da situação planetária, mudanças climáticas, alimentos doentes, venda de florestas, extinção de algumas espécies animais e vegetais, vai aparecendo como sentimento de agir para a preservação deste todo que é a vida. A vida e suas mais biodiversas manifestações. Lanz (1998, p. 41,42) fala um pouco a respeito do papel do adulto/educador nesse processo educativo:

A permeabilidade da criança ao que se acha em seu redor é um fato que todo educador deveria conhecer e levar em conta. A criança absorve inconscientemente não só o que existe ao seu redor sob o aspecto físico; o clima emotivo que a circunda, o caráter e os sentimentos das pessoas que a rodeiam, tudo isso penetra nela e é absorvido pelo corpo etérico. [...] As influências que emanam do mundo ambiente exercem, portanto, efeitos profundos sobre a organização física e psíquica da criança, efeitos que se farão sentir durante toda a vida futura. Essas influências exteriores abrangem desde o aspecto do quarto, com móveis e adornos, até os pensamentos e sentimentos das pessoas que lidam com a criança. Todo o clima sentimental e moral circundante atua sobre ela.

Nisto, Lanz (1998, p. 42) complementa “sabendo que a imitação e o exemplo são os motivos básicos de todo o comportamento infantil, o educador tem em suas mãos a chave de ouro para realizar a sua tarefa”.

Então, com exemplos que digam constantemente “O mundo é bom” (LANZ, 1998, p. 43) surgem nos seres em formação, sentimentos de pertença, de ligação com o todo, com o cosmos e o planeta Terra enquanto organismo vivo, manifestando características de respeito e empoderamento do eu, das minhas ações, do que estou sentindo, do que estou fazendo, como estou me relacionando, e nisto, refletindo sobre o que penso ao assistir tanta desigualdade social com tanta abundância que temos. Começo enquanto ser, a refletir sobre o que está acontecendo a minha volta, que me afeta direta e indiretamente, visível e invisivelmente. Começo a ver e a compreender as relações de conexão que temos uns com os outros, percebo que há uma teia da vida, no qual o que eu faço hoje refletirá em algo amanhã, dimensão essa que eu posso nem ter ideia do tamanho.

Me sentir cidadão planetário me faz ser crítico e muitas vezes revoltado com a atitude de certos representantes políticos que só pensam em vender nossas reservas, em trazer investidores, em burlar leis ambientais em prol do tal progresso, entre tantas outras coisas absurdas que vemos por aí nas notícias veiculadas pela mídia. Me sentir parte da terra me torna ativista da causa ambiental, que é a causa da sobrevivência da espécie humana. É acreditar que, “todos os seres, inclusive o homem, encontram-se num contínuo processo de evolução” (LANZ, 1998, p. 28).

E com esse olhar crítico, revolucionário, e evolutivo é que queremos uma revolução de valores e atitudes dessa grande família planetária, e na educação, sim, na educação, é que encontramos as inúmeras possibilidades de oportunizar as trocas de energia com a natureza, que é a nossa melhor sala de aula. Como diria Legan, “uma sala de aula ao ar livre”, ao contar brevemente da experiência educacional realizada por uma professora do ensino fundamental australiana. Essa

experiência linda, encontramos no próprio registro feito por Carolyn Nuttall em “Agrofloresta para crianças: uma sala de aula ao ar livre” (1999), como já citado anteriormente.

Para que as crianças, jovens e até mesmo os adultos possam sentir essa conexão com o organismo vivo chamado Terra, buscamos em Cornell (2008) exemplos de “Vivências com a Natureza” como assim é chamado sua obra volume 1 e 2, no qual nos apresenta, enquanto educadores, exemplos de práticas/atividades para serem realizadas junto aos educandos. Dois volumes ótimos, com atividades que podem ser adaptadas à todas as faixas etárias, e que podem, inclusive, ser aplicadas como complemento aos conteúdos curriculares.

Uma atividade que gosto muito de fazer com os meus educandos quando estou em prática docente, é a da Teia da Vida, nesta obra literária chamada de “Encadeamento” (CORNELL, 2008, p. 78). Esta atividade busca mostrar na prática os “inter-relacionamentos essenciais entre todos os membros da comunidade natural. O Encadeamento retrata com clareza como o ar, as pedras, as plantas e os animais trabalham juntos na equilibrada teia da vida”.

Convido-te leitor, a folhear esse livro e a se aventurar numa dessas brincadeiras com a natureza junto com seus amigos. A diversão está garantida, a sensibilização e o chamado da Mãe Terra entrarão no seu coração e farão morada, bote fé. O gostinho de curiosidade que quero lhe fomentar, querido leitor, é quando terminamos a brincadeira, quando paramos para respirar e comentar o que foi sentido durante a brincadeira. Meu depoimento cada vez que brinco não é o mesmo, pois a cada brincadeira, me toco e me sinto mais parte da terra, do solo, das plantas, dos animais, sinto que a vida é realmente feita de relações que nos afetam e que assim mutuamente, também afetamos aqueles com quem nos relacionamos.

Mas há outras obras que trazem lindas atividades, brincadeiras e reflexões como: “Vivências integradas com o meio ambiente” de Marcelo de Queiroz Telles (2002), “Jornada de amor à Terra” de Laura Gorresio Roizman e Elci Ferreira (2006), “O ser humano e os reinos da natureza: observações e considerações selecionadas” de Reinhold Gabert (2005), “O Sítio Abundante: Co-criando com a Natureza” de Marsha Hanzi (2003), e para cantar, também tenho uma indicação bibliográfica com uma coleção de lindas letras e cifras que chama-se “Cantando com a Mãe Terra” da Comissão Pastoral da Terra – CPT/RS E Comunidade Pe. Josimo dos Freis

Capuchinhos e Franciscanos (2003), e, claro, meu livro base “A Escola Sustentável: Eco-Alfabetizando pelo ambiente” de Lucia Legan (2007).

Pensando um pouco em convidar todos os seres vivos para juntos cuidarmos da Terra, das pessoas e distribuir o que temos de abundante, para os adultos, além dessas brincadeiras deliciosas que podemos vivenciar, com ou sem as crianças, há o lindo leque de leituras de conscientização e sensibilização ambiental, que ao pé de uma árvore, ou numa confortável rede, ou ao sol em cima de um pano, se tornam mais belas e conectivas com a natureza. Cito-lhes algumas referências bibliográficas para que possam começar esse círculo de leitura e conexão com a Mãe Terra. Eis as obras: “Vamos construir uma casa? Doze lições para a educação dos sentidos” de Rubem Alves (2006). “Sementes à solta” de Fernanda Botelho (2011), “Amigos do planeta: meio ambiente e educação ambiental” de Vilmar Sidnei Demamam Berna (2008), “O poder do Jardim” de Roberto Araújo (2011), “Lendas do saber” de Suzana Martins Maringoni (2008). Enfim, essas são algumas das obras que eu, escritora deste trabalho acadêmico me deleito e me reforço enquanto ser planetário, enquanto cidadã ecológica.

E o que podemos fazer então para sermos esse cidadão ecológico? Podemos começar com os pequenos atos diários: separar os alimentos em resíduos sólidos e resíduos orgânicos, colocando os sólidos/secos em locais separados que levam para os centros de reciclagem, e os orgânicos, que são os alimentos que não servem para nossa alimentação em outros locais, que inclusive podemos ter em casa, como minhocários (LEGAN, 2007) e compostagens (LEGAN, 2007). Podemos também, expandir nossas ações e começar com aqueles “plantios de ervas e temperos” (LEGAN, 2007) que adoramos colocar em nossas experiências culinárias, em vasos ou jardineiras ou num cantinho do terreno dentro de nossas moradas, que além de trazer nossa sustentabilidade ainda atrai borboletas e pássaros (LEGAN, 2007) para nossas janelas ou terrenos. Avançando um pouco mais, podemos fazer algumas captações energéticas, sejam da água da chuva (LEGAN, 2007) ou do calor do sol ou eólica (LEGAN, 2007).

Podemos também, fazer uso de um pensamento ecológico na cidade oferecendo carona aos nossos vizinhos, andando de bicicleta quando a estrutura de logística da cidade oportuniza tal circulação segura, podemos ainda escolher trabalhos perto de nossa residência, que além de oportunizar boas caminhadas ainda oportuniza que façamos parte da nossa comunidade local.

Bom, essas são algumas das atitudes mais básicas que nós sujeitos ecológicos podemos começar a exercitar no nosso dia-a-dia. Convido-lhes então, a realizar as leituras e as brincadeiras e quem sabe, um gostoso bate-papo sobre tudo isso que escrevemos ao longo da defesa que faço em relação à nós seres humanos e à vida no Planeta Terra.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso conta com a técnica de levantamento bibliográfico, no qual, segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 108), “a investigação deve examinar o tema escolhido, observando os fatores que a influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos”.

O referido trabalho se caracteriza por ser exploratório-descritivo, no qual a pesquisa exploratória tem o “objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato [...] realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” de acordo com Gil (2002, p.43). Sobre a pesquisa descritiva, essa, objetiva “levantar opiniões, atitudes e crenças [...] para proporcionar uma nova visão do problema” (GIL, 2002, p. 44).

Por este motivo, a presente pesquisa de cunho bibliográfico apresenta seus autores que fundamentam com estudos científicos acerca da temática que venho estudando e praticando ao longo de minha caminhada docente.

7 CONCLUSÕES

A presente pesquisa na forma deste Trabalho de Conclusão de Curso uniu os termos Conjuntura socioambiental e educacional, Ecopedagogia, Permacultura e Práticas EcoPermaPedagógicas na formação do Sujeito Ecológico, numa harmoniosa e ecoconsciente relação de trocas e coerências teóricas, como fruto da crença e das práticas docentes da presente autora, e como forma de evidenciar temáticas que são de extrema relevância não só para a autora mas o são para a vida no planeta Terra como um todo.

Aproveitamos então, a oportunidade de pesquisar, dialogar e refletir sobre a relação entre a educação, a Permacultura e a formação do sujeito ecológico, a fim de que o leitor pudesse compreender porque lutamos e porque ressaltamos a importância de mudarmos o sistema vigente QUAL SISTEMA para um mais humano, mais ecológico, mais harmônico, mais integral, mais amoroso, mais justo e mais sustentável para todos os cidadãos.

Em virtude da minha sensibilização para com a natureza e as crianças, objetivava-se deixar uma produção de cunho acadêmico como uma semente plantada, que se regada por outros leitores, virá a germinar em ações concretas e ecoconscientes na construção de um mundo melhor, dada a importância deste tema para a conjuntura atual. Pudemos conferir essa ligação da autora com o assunto, na introdução do presente trabalho, visto que ali, foi possível de ser encontrado, o porquê de tanta aproximação com o tema.

Ao começar o presente trabalho, objetivávamos encontrar caminhos viáveis e possíveis de serem trilhados para compreender a constatação que venho fazendo ao longo de minha trajetória educacional e ambiental sobre a atual situação planetária acerca de recursos, espaço e salubridade. E, como esperado, foi constatado que ou mudamos nosso sistema vigente, ou a espécie humana chegará ao seu fim. AFIRMAÇÃO TRÁGICA BASEADA EM QUEM?

A referida pesquisa sobre a importância da Ecopedagogia aliada à Permacultura na formação do Sujeito Ecológico fez um caminho introdutório mostrando toda a relevância da escolha do tema, afim de que o leitor pudesse compreender como se deu a seleção do assunto e porque é necessário que se fale, que se reflita e se busque alternativas sobre ele.

O segundo capítulo trouxe então, um pouco do contexto socioambiental vigente, os tipos de relações que encontramos nas unidades de ensino, e questionou o papel do cidadão diante de tanta desigualdade e destruição planetária. Constatamos que o modelo de desenvolvimento que rege a humanidade está mais preocupado com as questões econômicas do que com a sobrevivência das espécies. E que por isso, é necessário mudarmos a ética que tem direcionado as relações. Precisamos de uma ética ecológica, que mostre às crianças, aos jovens, aos adultos um modo diferente de ser e estar no mundo. Precisamos nos ecoconscientizar, saber o que está em desequilíbrio, refletir e pesquisar soluções para as questões diárias. Precisamos nos sentir cidadãos planetários, agentes ativos que constroem na harmonia, na justiça, no equilíbrio, uma nova sociedade.

O terceiro capítulo, por sua vez, adentrando à temática da educação, apontou para a triste realidade das instituições de ensino e de alguns órgãos do governo que, por diversas razões, alteram projetos e documentos ecorresponsáveis. Por este motivo ressaltamos a importância de estarmos atentos ao que acontece no nosso contexto socioambiental e educacional. Buscou identificar os caminhos que podem ser percorridos para o surgimento do cidadão planetário através da Ecopedagogia, termo que foi cunhado para descrever práticas pedagógicas para a promoção da aprendizagem através do sentido das coisas, da cotidianidade de cada indivíduo. A Ecopedagogia oferecendo e compartilhando recursos, caminhos, práticas e espaços de aprendizagem para que os educandos, que estão em constante relação com o seu mundo ambiente, possam se sentir parte dele, e agir de forma a encontrar oportunidades justas e harmônicas para um devir cidadão consciente.

Apresentamos a Permacultura e suas práticas e ferramentas relevantes à formação do sujeito ecológico no quarto capítulo, no qual descobrimos que o termo vai muito além do que o seu significado apresenta. Ser permacultor significa encontrar uma filosofia de vida cuja ética se pauta em: cuidar da terra, cuidar das pessoas e repartir os excedentes. Vimos que a Permacultura enquanto prática oportuniza o contato direto com a natureza, com os microorganismos que vivem naquele ambiente, possibilita a sensibilização ambiental, mostra um novo caminho a ser percorrido rumo a uma sociedade mais igualitária, justa, digna e em equilíbrio para todos os habitantes do planeta.

E, encontrando um “como agir” através da Permacultura, descobrimos também, a formação do sujeito ecológico, assunto de que trata o quinto capítulo. Por

meio de práticas EcoPermaPedagógicas, aos poucos o cidadão planetário vai se construindo dentro de cada ser, se constitui na medida em que sente o chamado desta relação com o planeta Terra, numa relação de interdependência com todos os seres vivos, vegetais e minerais. Não vê mais os recursos naturais como matéria-prima, mas como natureza e que dela podemos fazer um uso responsável, equilibrado. Ser sujeito ecológico, conforme descobrimos na presente pesquisa, demanda que tenhamos uma educação alicerçada na conexão com a Terra, e que oportunize vivências de contato com todo o meio ambiente.

Essas práticas ecológicas que os ambientes escolares devem oferecer fomentam que a reflexão crítica do educando aconteça e nisso, o respeito aos diferentes olhares acerca do local no qual se vive. Começar com a separação dos resíduos, fazer o plantio de sementes de alimentos, observar e escutar a natureza, são algumas atitudes que os sujeitos ecológicos realizam em sua cotidianidade.

As questões que moveram cada capítulo da presente pesquisa acadêmica foram respondidas pela autora na medida em que as reflexões iam sendo realizadas através das leituras e aprendizagens. E, se já paramos para pensar em que sociedade vivemos, será que podemos fazer alguma coisa para mudar? Se queremos para nós mesmos e nossos entes queridos uma sociedade igualitária, justa, com abundância de recursos distribuídos igualmente para todos os habitantes, em harmonia, saudável e cooperativa, o que está faltando para que a coloquemos em prática? Sabendo que a ética que nos move diariamente é aquela de cuidar da terra, cuidar das pessoas e repartir os excedentes, sinto que caminhamos rumo à conscientização ecológica planetária, no qual a educação de nossas crianças será a primeira porta a ser aberta com a chave da Ecopedagogia.

E, respondendo a questão principal de minha pesquisa universitária enquanto formanda da Faculdade de Educação no Curso de Pedagogia, a Ecopedagogia através das práticas da Pemacultura como ferramenta para a formação do sujeito ecológico em idade escolar se destaca por ser a solução educativa para que se compreenda a teia de relações no qual todos os indivíduos estão ligados à natureza, aos animais, vegetais e minerais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Vamos construir uma casa?** Doze lições para a educação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

BERNA, Vilmar Sidnei D. **Amigos do planeta:** meio ambiente e educação ambiental. São Paulo: Paulus, 2008.

BINDÉ, Jérôme. **Fazendo as pazes com a Terra:** qual o futuro da espécie e do planeta? Brasília: UNESCO, Editora Paulus, 2010.

CALDART, Roseli Salete (Org.). **Caminhos para a transformação da escola:** reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental:** a formação do sujeito ecológico. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a Natureza.** 3. ed. São Paulo: Aquariana, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo: Peirópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. **A Carta da Terra na Educação.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

HOLMGREN, David. **Os fundamentos da Permacultura:** um resumo dos conceitos e princípios apresentados no livro "Princípios e Caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade". Brasil, 2007. (Livreto)

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria A. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2001.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf:** caminho para um ensino mais humano. 6. ed. ver. e ampl. São Paulo: Antroposófica, 1998.

LEGAN, Lucia. **A escola sustentável: eco-alfabetizando pelo ambiente**. 2. ed. atual. e rev. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC, 2007.

LUTZENBERGER, José A. **Fim do futuro?** Manifesto ecológico brasileiro. Porto Alegre, Movimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980.

MINC, Carlos. Ecologia e Cidadania. In: MATTOS, Valci M. (org.) et al. **Educação, estado e contradições sociais**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

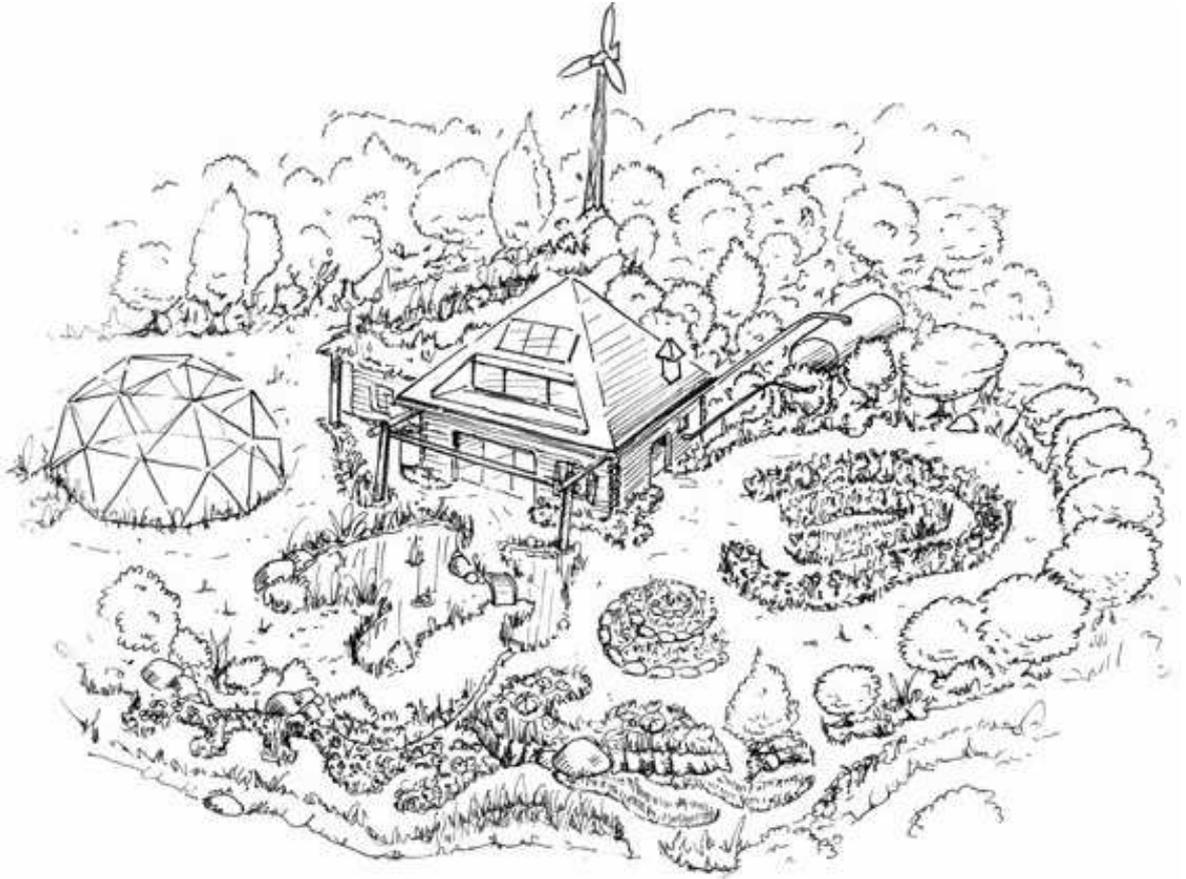
MARS, Ross. **O design básico em Permacultura**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2008.

MOLLISON, Bill & HOLMGREN, David. **Permacultura Um: Uma Agricultura Permanente nas Comunidades em Geral**. São Paulo: Editora Ground Ltda, 1983.

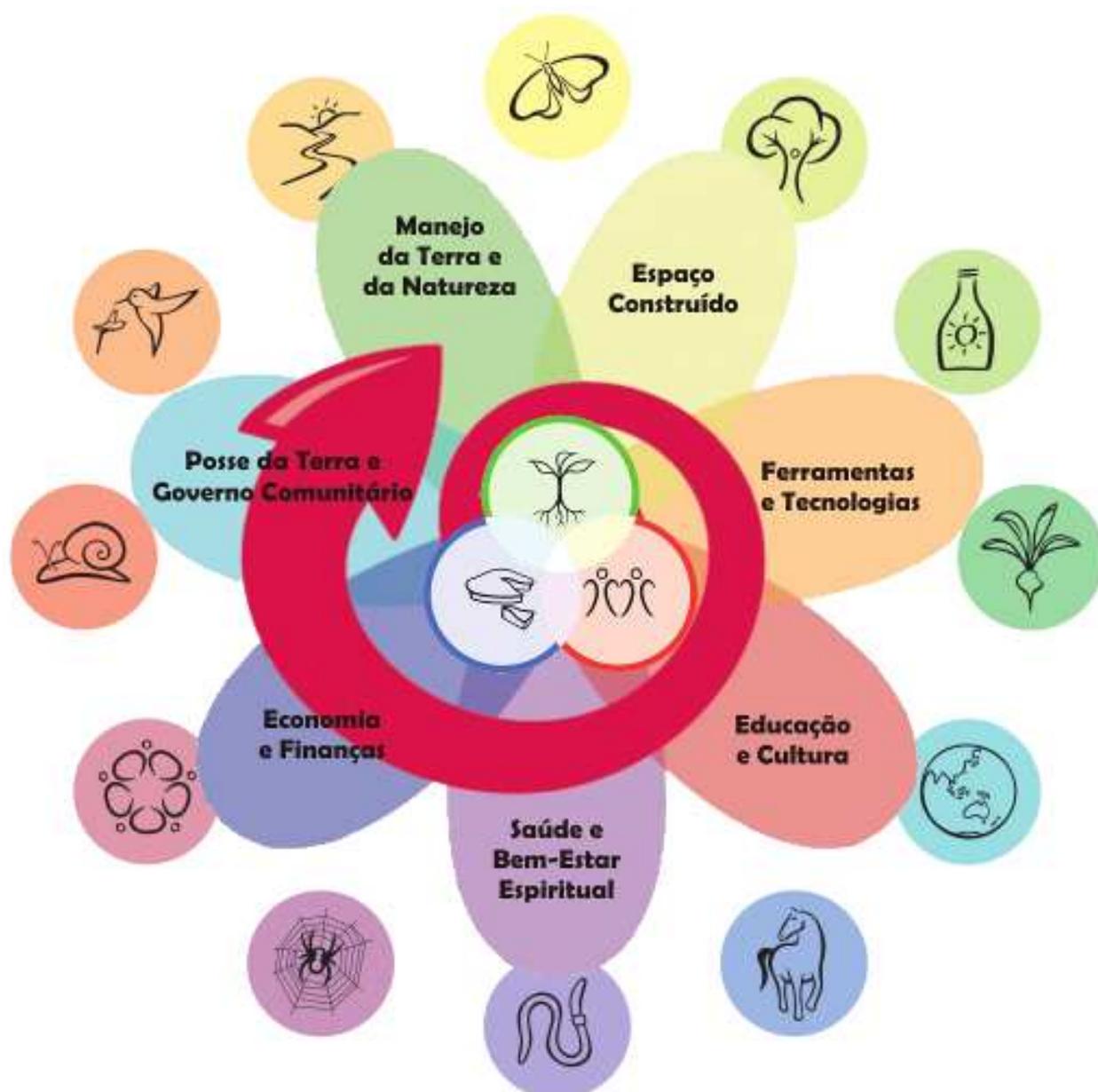
NIDELCOFF, María Teresa. **Uma escola para o povo**. 34. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SCOTTO, Gabriela, CARVALHO, Isabel C.M, GUIMARÃES, Leandro B. **Desenvolvimento sustentável**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

<<http://permacultureprinciples.com/pt/index.php>>. Acesso em: 20 maio 2014.

ANEXO A - Desenho de um ambiente permacultural

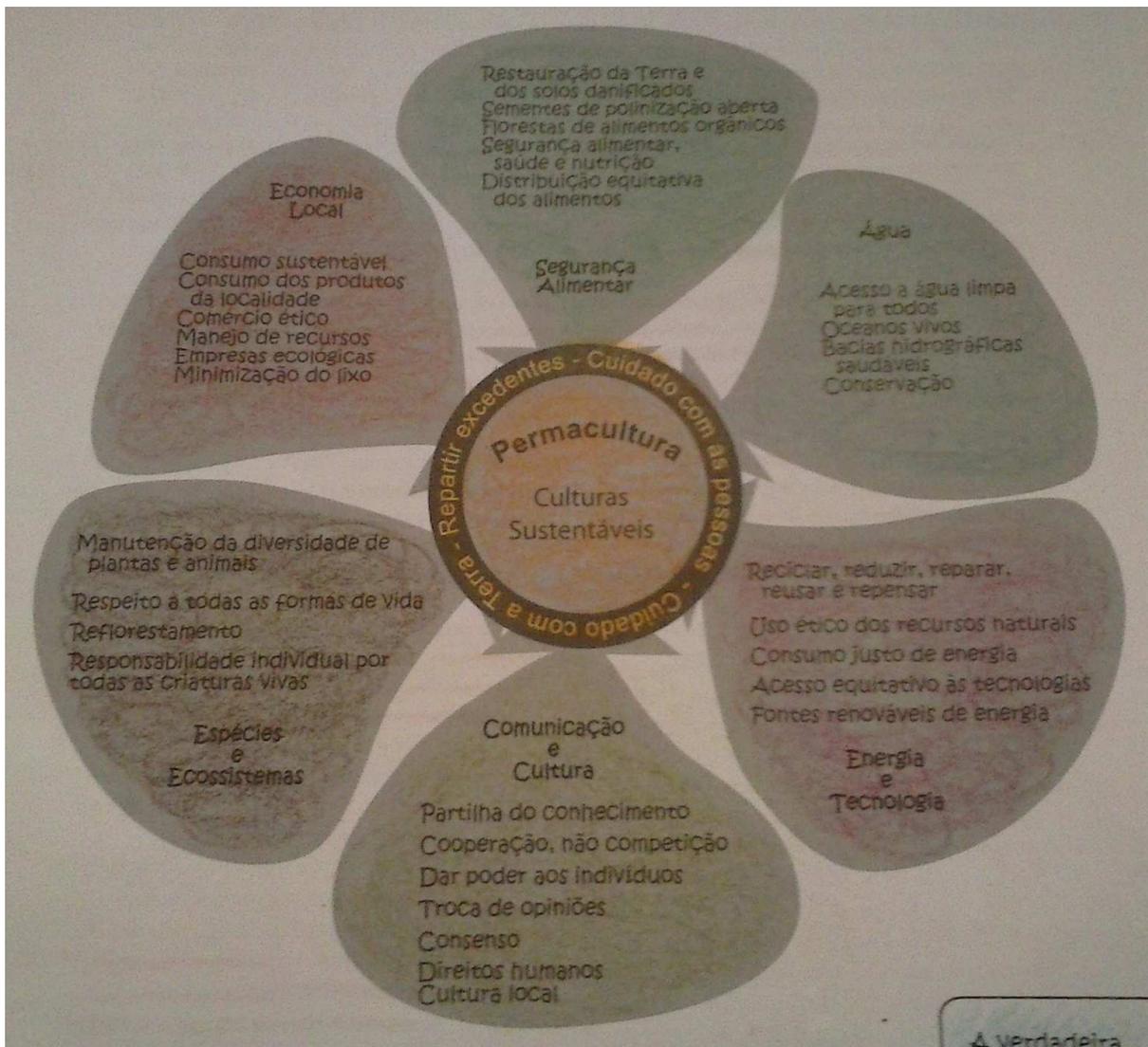
ANEXO B - Flor da Permacultura com as três éticas no centro, os sete campos em pétalas e os doze princípios ilustrados em seus símbolos.



ANEXO C - Realizando minhocagem com os educandos da educação infantil, mostrando-lhes a minhoca para que tenham a vivência com o animal transformador dos resíduos.



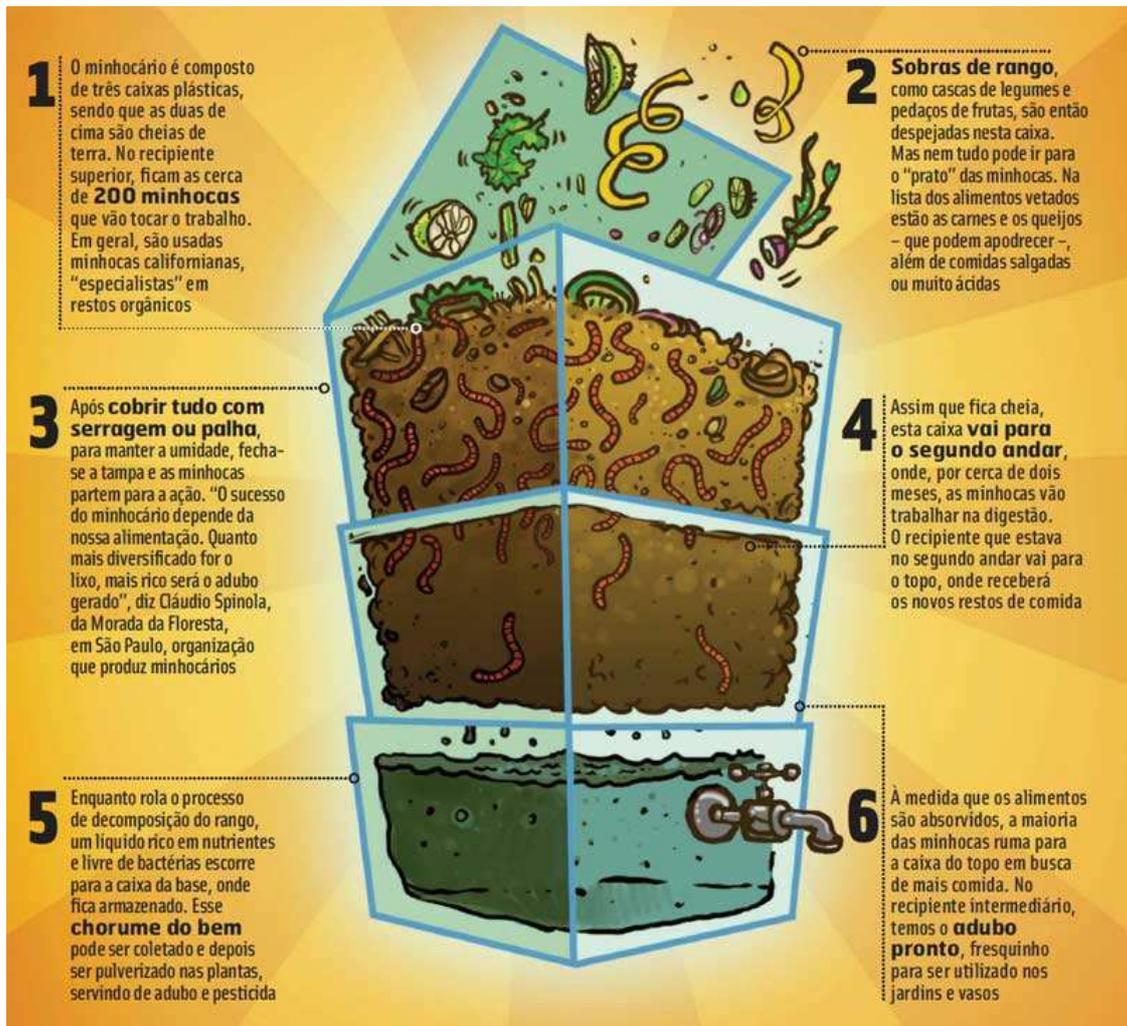
ANEXO D - Imagem retirada do livro de Legan (2007)



ANEXO E - Horta Mandala e Espiral de Ervas e Temperos



ANEXO F - Modelo de Minhocagem / Compostagem de resíduos orgânicos



ANEXO G - Forno solar de cozimento

